



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
FACULDADE DE LETRAS

Memorial de
Violeta Virginia Rodrigues

PROMOÇÃO PARA TITULAR

UFRJ

2020

À minha Mãe! Exemplo de tudo.
Muita sabedoria!

À Fatima e ao Waltinho, sem vocês
nada disso teria sido possível. Muita
gradidão!

À Elenice, minha inspiração.
Sempre!

Ao Joaquim, que sempre está ao
meu lado! Muito Amor!

Tocando em frente

Ando devagar porque já tive pressa
E levo esse sorriso
Porque já chorei demais

Hoje me sinto mais forte
Mais feliz, quem sabe
Só levo a certeza
De que muito pouco sei
Ou nada sei

Conhecer as manhas e as manhãs
O sabor das massas e das maçãs

É preciso amor pra poder pulsar
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso a chuva para florir

Penso que cumprir a vida
Seja simplesmente
Compreender a marcha
E ir tocando em frente

Como um velho boiadeiro
Levando a boiada
Eu vou tocando os dias
Pela longa estrada, eu vou
Estrada eu sou

Conhecer as manhas e as manhãs
O sabor das massas e das maçãs

É preciso amor pra poder pulsar
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso a chuva para florir

Todo mundo ama um dia
Todo mundo chora
Um dia a gente chega
E no outro vai embora

Cada um de nós compõe a sua história
Cada ser em si
Carrega o dom de ser capaz
E ser feliz

Conhecer as manhas e as manhãs
O sabor das massas e das maçãs

É preciso amor pra poder pulsar
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso a chuva para florir

Ando devagar porque já tive pressa
E levo esse sorriso
Porque já chorei demais

Cada um de nós compõe a sua história
Cada ser em si
Carrega o dom de ser capaz
E ser feliz

SUMÁRIO

1. BREVE APRESENTAÇÃO
2. “LAÇOS DE FAMÍLIA”, COM LICENÇA DE CLARICE LISPECTOR
3. LAÇOS DE AMIZADE: BACHARELADO (1986-1990)
4. “OU ISTO OU AQUILO?”, AGORA COM LICENÇA DE CECÍLIA MEIRELES:
ESPECIALIZAÇÃO (1991)
5. MESTRADO (1991-1994)
6. DOUTORADO (1995-2001)
7. OUTRAS EXPERIÊNCIAS
8. GRUPO DE PESQUISA
9. NOVAS EXPERIÊNCIAS
10. FORMAÇÃO DISCENTE
11. APRESENTAÇÕES E PUBLICAÇÕES DE TRABALHOS
12. USOS DE CONECTORES E ARTICULAÇÃO DE CLÁUSULAS

13. BANCAS

14. ATIVIDADES DOCENTES

15. ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL

16. BREVE ENCERRAMENTO

17. REFERÊNCIAS

1. BREVE APRESENTAÇÃO

Comecei minha trajetória na Faculdade de Letras como Professora Assistente e, em 17 de agosto deste ano, completarei 25 anos de carreira. Desde que lá ingressei, já passei por muitas avaliações: de Assistente 1 para 2, de Assistente 2 para 3, de Assistente 3 para 4, de Assistente 4 para Adjunto 1, de Adjunto 1 para 2, de Adjunto 2 para 3, de Adjunto 3 para 4, de Adjunto 4 para Associado 1, de Associado 1 para 2, de Associado 2 para 3, de Associado 3 para 4 e, agora, de Associado 4 para Titular. Esta, por ser a última, é ainda mais trabalhosa, porque, diferentemente das anteriores em que reunia minhas atividades de dois em dois anos, nesta preciso dar conta de um período de quinze anos. Muitas recordações, muitas histórias, muitos desafios, muitas coisas para contar...

Como um memorial pode ser um texto mais confessional, vou usar a primeira pessoa do singular e vou mesclar relatos pessoais e acadêmicos, o que os outros gêneros textuais utilizados na e pela academia, muitas vezes, não permitem. Se me pedissem para resumir minha trajetória acadêmica em três palavras, fatalmente, essas seriam **gratidão, paciência e persistência**. Todo o meu texto será permeado por elas, como vocês verão.

Além disso, vou precisar fazer uma digressão temporal para delinear todo o meu perfil acadêmico. Assim, começo este memorial resgatando alguns episódios de minha infância escolar, depois de minha adolescência, de minha mudança de cidade, de escola, de amigos, enfim, de adaptação à nova realidade chamada Rio de Janeiro. Passando para a vida adulta, falarei sobre a descoberta de perspectivas de vida diferentes proporcionadas pela(s) Letras e pela UFRJ.

2. “LAÇOS DE FAMÍLIA”, COM LICENÇA DE CLARICE LISPECTOR

Para se entender minha trajetória acadêmica, é necessário o resgate de alguns episódios de minha infância, de minhas memórias afetivas. Nasci em uma cidade do interior de Minas Gerais chamada Mar de Espanha, que, apesar de não ter mar e não se localizar tampouco na Espanha, se orgulha de ser o único Mar de Minas.

Lá cursei o Infantil, o Pré-Primário (quantas saudades da Tia Téa), o Grupo Escolar e o Ginásio – era assim que se denominava, à época, o que hoje é englobado pelos níveis fundamental e médio. Ao terminar a antiga quarta série na Escola Estadual Estevão Pinto (quantas lembranças boas de Dona Deise e Dona Maria Emília), tive que prestar o exame de admissão para poder passar para a quinta série. Por meio desse exame, as turmas eram divididas e rotuladas como adiantadas ou fracas e, com base nisso, eram alocadas em turnos separados. Fiquei em sexto lugar, concorrendo com todas as crianças da cidade; lembro-me, como se fosse hoje, da reação dos colegas, dos professores e da minha família diante desse resultado, que eu nem mensurava o valor. Com essa colocação, fui para a turma adiantada e para o turno da tarde, já que os alunos mais “fracos” ficavam no turno da manhã. Foram muitos e tantos problemas com as colegas de turma por conta das diferenças econômicas (problemas esses que eu não entendia e que hoje chamamos de *bullying*), que na sexta série minha mãe me trocou para o turno da manhã, para desespero dos professores que viam como regressão a brusca mudança. Minha mãe era muito sábia e acho que foi a melhor escolha que ela fez. A mudança de turno desfez o problema que a diferença econômica causava – não estava mais na turma dos ricos, agora estava na turma dos pobres. No turno da manhã, fiquei com os repetentes, com os alunos com dificuldades de aprendizado e, nesse contexto, descobri minha vocação – ensinar. Minha casa vivia cheia de colegas que iam até lá para eu explicar as matérias. Chegou ao ponto de os professores mesmos mandarem os alunos para minha casa. E assim foi até a oitava série na Escola Estadual de Mar de Espanha (1980).

Minha família era muito pobre e, às vezes, eu não tinha dinheiro nem para comprar cadernos e livros didáticos. Lembro-me de minha mãe fazendo bloquinho de papel de pão na máquina de costura para mim. Lembro-me também de meus irmãos e eu irmos passando os livros uns para os outros e termos de apagar com a borracha tudo o que se escrevia a cada mudança de série e ano. Quando os professores mudavam os livros, era um desespero só... Leitura de livros extraclasse, então, só por meio da

Biblioteca Paroquial ou, por meio de empréstimos de livros por alguns professores mais perspicazes, que, descobrindo meu interesse pela leitura, me emprestavam. A professora que mais me emprestava livros era a de Português – Dona Zaine. Imaginem uma cidade do interior sem livraria, sem cinema, sem curso de línguas e uma família pobre (minha mãe era doméstica e meu pai, sapateiro), sem condições de buscar os recursos necessários na cidade mais próxima e próspera, que, nesse caso, era Juiz de Fora. Nessas condições, chego ao antigo segundo grau, agora não mais público, como fora todo o ciclo anterior. Estamos em 1981.

A única escola existente era paga e à noite. E alunos pobres como eu tinham que trabalhar na única fonte de renda possível àquela altura na cidade – as lapidações de diamante. Assim, durante o primeiro ano do segundo grau, eu trabalhava o dia inteiro na *Lapidação Mineira de Diamantes* e, à noite, estudava. Os cursos oferecidos eram o de Contabilidade e o Normal. O primeiro ano era chamado de básico e era comum aos dois cursos. Os dois anos seguintes eram de matérias mais específicas a cada curso. Obviamente se tivesse ficado por lá, teria feito o Normal, já que o interesse em ser professora há muito já havia sido despertado. Para o meu pequeno mundo, já era o suficiente, visto que a infraestrutura da cidade e as condições financeiras de minha família não me permitiriam outras possibilidades profissionais. Para se cursar uma faculdade, só se fosse em outra cidade e não havia dinheiro para isso.

A vinda para o Rio foi possível graças ao meu interesse e empenho nos estudos, que despertaram em minha irmã Fátima (que já morava no Rio) e em meu cunhado Walter (Waltinho, como carinhosamente era chamado) a vontade de me ajudar a estudar. Com esse objetivo, trouxeram-me para o Rio em 1982. Novamente, a sabedoria de minha mãe falou mais alto – enquanto alguns da família achavam que eu tinha que ficar lá com ela, ela mesma me incentivou a sair de Mar de Espanha. Chegando ao Rio, comecei a perseguir meu objetivo. Todavia, novamente, esbarrei-me no problema das condições econômicas e acabei ingressando em um colégio técnico da rede pública estadual, que não oferecia o curso Normal. Não havia vagas nos colégios que ofereciam o Normal e, para não perder a vaga no único colégio gratuito que consegui, tive que repetir o primeiro ano feito no Mar das Gerais. O Colégio Estadual Amaro Cavalcanti (localizado ainda hoje no Largo do Machado) tinha como objetivo preparar os alunos para enfrentar o mercado de trabalho e oferecia os cursos técnicos de Contabilidade, Secretariado e Biblioteconomia. Novamente, a minha vontade de ser professora foi adiada.

Ainda não tinha nem completado dois anos no Rio, minha mãe teve uma trombose e ficou sem poder andar e precisando de muitos cuidados. Assim, larguei tudo e fui cuidar dela. Apesar de todos os conflitos familiares gerados pela doença de minha mãe e com todas as faltas que tive no colégio, assentadas as coisas, voltei para o Rio, consegui compensar minhas ausências às aulas e não ficar reprovada. Mesmo precisando de cuidados, novamente a sabedoria de minha mãe falou mais alto – ela não permitiu que eu abandonasse definitivamente os estudos para cuidar dela no interior de Minas. Imaginem uma adolescente tendo que escolher entre cuidar da mãe e continuar a estudar! Quantos conflitos! Quantas culpas! Quantas cobranças! Novamente, meu cunhado e minha irmã tiveram um papel fundamental para o meu equilíbrio emocional. Meu irmão Geraldo, que a essa altura já estava em Belo Horizonte estudando Filosofia (fez o curso dele trabalhando um período sim, outro não, para poder pagar as mensalidades da PUC/BH) também me ajudou muito. Cheguei ao terceiro ano.

Foi cursando a terceira série do segundo grau na habilitação Técnico de Secretariado, no ano letivo de 1984, que a vontade de querer ser professora renasceu. Influenciada pela Professora Maria Helena Silveira e suas aulas de Literatura Brasileira, decidi prestar o vestibular para Letras (Português – Literaturas) com o intuito de ser professora de Literatura e voltar para minha terra natal – venceu a paixão. No entanto, passar no vestibular era praticamente impossível, tendo em vista a minha formação técnica. Novamente, para surpresa de todos, passei, mas para uma faculdade privada. À época, os vestibulares eram concorridíssimos, porque havia poucas instituições, fossem públicas ou privadas. Meu cunhado, por exemplo, já havia tentado vestibular várias vezes e, mesmo fazendo cursinhos preparatórios, não conseguira passar em nenhuma delas. Como era uma pessoa boníssima e eu já morava com ele e minha irmã havia um bom tempo, financiaram um cursinho preparatório para mim e assim, felizmente, consegui vencer esse obstáculo e o sonho de ingressar na Universidade Pública realizou-se um ano depois. Mais uma vez, com o apoio de minha irmã e meu cunhado, um novo mundo foi descoberto. Entrei para o curso de Graduação em Letras (Português-Literaturas) no auge do governo de Leonel Brizola, época em que os professores eram valorizados e respeitados, bem diferente de nossa atual realidade.

Aliás, passei pelo primeiro governo de Brizola no Rio, que teve início em março de 1983 e terminou em março de 1987, quando fazia o antigo segundo grau. Depois passei pelo segundo, que se iniciou em março de 1991 e terminou em abril de 1994, época já do meu Mestrado (sobre o qual falarei mais adiante).

Apesar de todas as lacunas de minha formação no ensino fundamental e médio, não tive maiores problemas no curso de Português-Literaturas porque era muito dedicada e fui aproveitando todas as oportunidades que a Faculdade de Letras e a UFRJ me propiciavam, como mostrarei em seguida.

3. LAÇOS DE AMIZADE: BACHARELADO (1986-1990)

O curso de Bacharelado na Faculdade de Letras da UFRJ, desde o início (1986), foi surpreendente. Eram tantas disciplinas que nunca tinha tido (Linguística, Grego, Latim, Evolução da Literatura, Filologia Românica, Teoria da Literatura, Fundamentos da Cultura Ibérica, Fundamentos da Cultura Hispânica, Literatura Portuguesa, Espanhol Instrumental), tantas visões inovadoras sobre língua e literatura, que eu fiquei maravilhada. Queria fazer tudo ao mesmo tempo; houve períodos de eu me inscrever em treze matérias. Até Educação Física e EPB (Estudos dos Problemas Brasileiros) tive que fazer na Faculdade, pasmem.

Eram tantos congressos, palestras, cursos para escolher, tantos autores para conhecer pessoalmente e ouvir, que faltavam horas no dia. Tive a chance, por exemplo, de ouvir e conversar com Carlos Drummond de Andrade, José Saramago, Antônio Torres, Gerd Bornheim, Ferreira Gular, Celso Ferreira da Cunha, Luiz Felipe Lindley Cintra, Evanildo Bechara, Eugênio Coseriu, Fernando Tarallo, Noam Chomsky, Maria Helena Mira Mateus, Luiz Antônio Marcuschi, Rodolfo Ilari, Ataliba Teixeira de Castilho, Marina Colassanti, Nélide Piñon, Ruth Rocha, Ziraldo, João Ubaldo Ribeiro, enfim, todos os autores que lia e estudava. Se naquela época houvesse celular, seriam muitas *selfies*. Infelizmente, nem máquina fotográfica eu tinha para registrar tais encontros. São lindas recordações que guardo em minha memória e das quais não me canso de lembrar.

Os quatro anos da Graduação também foram marcados por Laços de amizade – logo no início um grupo se formou: Violeta, Joana (que faleceu durante a graduação), Marta, Inês, Eliane, Elenice, Mônica, Patrícia. Nos intervalos das aulas, lá estavam elas, contando as novidades, falando dos cursos, dos professores. Dependendo da matéria que estivessem fazendo juntas, subgrupos se formavam. O fato é que, à medida que se conheciam mais e algumas afinidades iam ficando mais evidentes, novos subgrupos se formavam. Na verdade, um trio se criou e se tornou inseparável – Violeta, Elenice e Mônica. Como eu morava com a minha irmã e minha sobrinha Priscila era pequena, quando tinha trabalho da Faculdade para fazer, lá ia eu ou para a casa de uma ou de outra. Bons tempos, ótimas lembranças... Laços que continuaram... Dona Nicinha e seu Assis, pais de Elenice, até hoje são meus pais cariocas e de coração. Para minha tristeza, seu Assis faleceu dia 26 de abril desse ano. Muita gratidão a todo o amor e carinho que me devotou...

Estudando com professores de Língua Portuguesa que tinham uma constante preocupação com o ensino de língua materna de maneira crítica, adquiri outra paixão além da Literatura – o ensino de Língua Portuguesa em uma perspectiva mais reflexiva. Papel relevante nesta descoberta teve a Professora Socorro Demasi, do curso de *Português II, Morfologia*, que preconizava um ensino de língua que viabilizasse que o aluno se tornasse sujeito de sua história, o que me encantou. Os períodos foram sendo cursados e transformações foram ocorrendo, sempre motivadas pelos professores de Língua Portuguesa e suas perspectivas inovadoras de ensino de língua.

Não posso deixar de mencionar os nomes de Professores como os de Dinah Callou, Cristina da Mota Maia, Maria Helena Marques, Suzana D'Ávila, Vera Feitosa, Marlene de Castro Correa, Ângela Dias, Terezinha Val, Luiz Edmundo, Aurora Neiva, Rosa Gens, Francisca Nóbrega, Maria do Socorro, Luiza Bertier, Gumercinda Gonda, tão importantes para minha formação durante a minha Graduação.

Papel significativo também tiveram as atividades de pesquisa em minha vida acadêmica. A primeira bolsa conseguida foi a de Monitoria da Faculdade de Educação da UFRJ, Projeto EDUCOM, em 1988. Essa bolsa, subvencionada pelo CEG (SG/3) /UFRJ, de março a dezembro de 1988, permitiu-me conhecer de perto a realidade das escolas da rede pública do município e do estado do Rio de Janeiro, entre as quais posso destacar o Colégio Sousa Aguiar. A pesquisa objetivava verificar as implicações da implantação de computadores no processo ensino-aprendizagem – a receptividade dos alunos e professores, as facilidades e dificuldades de seu manuseio, os benefícios para o processo ensino-aprendizagem. Esse Projeto era desenvolvido no prédio da Faculdade de Educação da UFRJ localizado no *campus* da Praia Vermelha.

Por motivos extra-acadêmicos, abandonei o Projeto EDUCOM e, no quinto período do curso de Português-Literaturas, minha intenção inicial de me formar e ser professora de Literatura começa efetivamente a sofrer as primeiras alterações.

Neste período comecei a trabalhar como auxiliar de pesquisa do Projeto de *Estudo da Norma Urbana Oral Culta* (NURC/RJ), sob a orientação da Professora Doutora Dinah Maria Isensee Callou, por indicação de Elenice e Mônica, que já estavam no Projeto. Laços de amizade, lembram-se? Novamente, sou apresentada a um novo mundo – desta vez, o da pesquisa linguística, e por que não dizer, da Sociolinguística, que, a princípio, me assustou e depois me fascinou, e no qual fiquei por um longo período (1989-2001). No exercício dessa atividade, tive contato direto

com pesquisadores como Yonne Leite e João Antônio de Moraes, que acabaram influenciando a minha formação acadêmica.

Quando iniciei minhas atividades de auxiliar de pesquisa no Projeto NURC/BR, tive a primeira bolsa de Iniciação Científica (IC), subvencionada pela FAPERJ, de 01/05/1989 a 31/12/1989, e depois prorrogada de 01/01/1990 a 29/02/1990, na área de Fonética e Fonologia. O trabalho realizado neste período utilizou o acervo do Projeto NURC/RJ e se intitulava *Estudo das vogais postônicas na fala culta carioca*. Sob orientação da Professora Dinah Calou, a execução deste estudo me abriu novas perspectivas, pois foi o primeiro contato com a descrição do nosso vernáculo, partindo da realidade linguística, que é também uma realidade histórica, cultural e política. A descrição da norma culta de uma cidade como o Rio de Janeiro, que funciona como centro cultural irradiador, foi de extrema importância para a compreensão da Língua Portuguesa naquele momento.

Como bolsista, começaram as apresentações em eventos, mas, antes disso, em 1988 apresentei, na XI Jornada de Iniciação Científica da UFRJ, a comunicação *Oração e seus conceitos*, mesmo sem ter bolsa. Essa pesquisa englobou um levantamento dos conceitos de frase, oração e período em diferentes gramáticas de Língua Portuguesa, mostrando suas adequações/inadequações no processo de ensino-aprendizagem de primeiro e segundo grau. Este trabalho foi feito com base nas discussões realizadas ao longo do curso de *Português V – Sintaxe*, ministrado pela Professora Vera Feitosa, que o orientou. Vejam que o quinto período da Graduação foi realmente um marco na minha trajetória acadêmica.

A primeira participação em evento como bolsista ocorreu em 1989, na XII Jornada de Iniciação Científica da UFRJ, na qual apresentei, em conjunto com três outras bolsistas do Projeto NURC, a comunicação *Estudo das vogais postônicas na fala culta do Rio de Janeiro*.

Com o término da bolsa de IC, veio a bolsa de complementação de formação – pré-mestrado –, subvencionada também pela FAPERJ, de 01/07/1990 a 03/08/1990, na área de Fonologia e Sintaxe. Além da mudança de área, vale lembrar que esta bolsa se inseria também em outro Projeto – o *Projeto Gramática do Português Falado* – que trazia em seu bojo a publicação das análises linguísticas feitas até então com base no acervo do Projeto NURC. O estudo realizado intitulava-se *Estudo das construções de tópico no Português falado*, que visava à elaboração de uma gramática referencial desta modalidade da língua, o que representaria uma grande conquista na área de Linguística

e, mais especificamente, da Sociolinguística e Dialectologia. Também este estudo foi coordenado pela Professora Dinah Callou.

As bolsas de aperfeiçoamento tipo B, subvencionadas pelo CNPq, de 01/08/1990 a 31/07/1991 e 01/08/1991 a 01/03/1992, ainda, sob a orientação da referida professora, continuaram na área de Fonologia e Sintaxe, vinculadas aos Projetos NURC e *Gramática do Português Falado*. Esta pesquisa intitulava-se *Prosódia e topicalização* e tinha como finalidade estudar os indicadores prosódicos que diferenciavam e marcavam os processos sintáticos de topicalização, objetivava ainda fazer a descrição prosódica das construções com adjuntos e dos preenchedores na fronteira de constituintes em orações subordinadas. Esse trabalho foi importantíssimo para a minha formação acadêmica e profissional, além de ter sido de extrema relevância para a realização do curso de Mestrado em Língua Portuguesa. Nessa fase, trabalhei diretamente com os Professores Doutores Yonne Leite e João Moraes, ambos da UFRJ, e indiretamente com Mary Kato e Fernando Tarallo, ambos da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Em 1990, no IX Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina – ALFAL, realizado no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, apresentei, também juntamente com três outras bolsistas, o trabalho *Os segmentos postônicos na fala culta carioca*. Nessa comunicação, relataram-se os resultados obtidos por meio da análise de formas paroxítonas e proparoxítonas, levando em consideração os fenômenos fonético-fonológicos que atingiam as vogais e sílabas postônicas destes vocábulos. Nesse evento, tive a oportunidade de fazer um minicurso com a Professora Doutora Maria Helena Mira Mateus, fato que marcou muito minha trajetória acadêmica.

As atividades de pesquisa, portanto, e as participações nos eventos supramencionados foram de fundamental importância para definir o caminho que eu daria à minha carreira.

4. “OU ISTO OU AQUILO?”, AGORA COM LICENÇA DE CECÍLIA MEIRELES: ESPECIALIZAÇÃO (1991)

Paralelamente à Graduação, fui desenvolvendo as atividades de pesquisa e nelas continuei mesmo com o término do curso. Concluída a Graduação (1990), indecisa ainda sobre o que fazer no Mestrado – Língua ou Literatura, tendo em vista a gama de possibilidades oferecidas pelas atividades de pesquisa, acabei privilegiando a paixão antiga – a Literatura – e me inscrevi no curso de Especialização de Literatura Infantil e Juvenil (1991), mas mantendo minhas atividades de pesquisa em Língua Portuguesa.

No decorrer deste curso, pude entrar em contato com a produção literária elaborada para o público infanto-juvenil, desde a sua origem até a modernidade. Esse curso permitiu-me fazer não só uma leitura crítica das obras literárias infantis e juvenis, bem como me ajudou a esclarecer algumas dúvidas com relação à escolha e indicação de livros para os professores de primeiro e segundo graus, caso eu optasse pelo ensino nesses níveis. Professores como Francisca Nóbrega, Luci Ruas, Armando Gens, Elizabeth Vasconcelos, Glória Pondé, Rosa Gens e Eliana Yunes foram marcantes nessa fase. Por intermédio deles, estudei autores como Lygia Bojunga Nunes, Ruth Rocha, Ziraldo, Monteiro Lobato, Bartolomeu Campos Queirós, Roseana Murray, Sylvia Orthof, só para citar alguns.

5. MESTRADO (1991-1994)

A difícil escolha – Língua Portuguesa ou Literatura? – tão protelada acabou sendo tomada no momento de me inscrever na seleção para o curso de Mestrado. Mais amadurecida e consciente de que essas áreas são complementares, optei pelo curso de Língua Portuguesa, buscando, sempre que possível, conciliá-lo com a paixão pela Literatura. Tal escolha foi motivada, principalmente, pelas oportunidades oferecidas pelas atividades de IC, pelo exemplo e pela dedicação ao trabalho de pesquisa dos professores Dinah Calou, Yonne Leite e João Moraes e pela minha vontade de aprender – sempre desejei aprender/entender o que não sabia. Assim, ao longo do curso de Mestrado em Língua Portuguesa, fiz disciplinas não só voltadas para a área de Língua Portuguesa, como também para Literatura, associando agora as minhas duas paixões. Novamente, quero relembrar alguns nomes de Professores que foram importantes nesse curso como os de José Carlos Azeredo, Edila Vianna, Teresa Indiani, Aparecida Lino, Dinah Callou, Sebastião Votre, Marlene de Castro Correa e Francisca Nóbrega.

Era uma prática muito comum à época os alunos transformarem as monografias de final de curso em comunicações para serem apresentadas nos eventos. No Doutorado não foi diferente, como poderão ver mais adiante. Assim, destaco algumas dessas comunicações oriundas das disciplinas feitas no Mestrado, porque foram momentos importantes e que me ajudaram muito a vencer a timidez. Sempre fui muito acanhada...

Em 07/10/1992, apresentei a comunicação *Emília: boneca ou SER? (uma leitura de A reforma da natureza, de Monteiro Lobato)*, no *II Encontro com a Literatura Infantil*. Esse estudo foi realizado no curso de Mestrado, na disciplina *Teoria e História da Literatura Infantil e Juvenil*, ministrada pela Professora Doutora Francisca Nóbrega.

Minha identificação com a Literatura Infantil tornou-se tão evidente que acabei sendo convidada, alguns anos depois, pela Professora Luci Ruas, para atuar no Curso de Especialização em Literatura Infantil da Faculdade de Letras. A participação como professora nesse curso de *pós lato sensu* ocorreu de 2002 a 2004 e foi muito marcante para a minha carreira. Havia muitos alunos que eram professores do estado e do município, e essa interlocução promoveu meu contato, ainda que de forma indireta, com os ensinos fundamental e médio.

Em 03/11/1992, apresentei a comunicação *O campo semântico dos verbos nas estruturas de topicalização*, no I Seminário Interno “A fala culta carioca”. Este estudo

também foi feito no Mestrado, na disciplina *Lexicologia e Lexicografia*, ministrada pela Professora Doutora Maria Thereza Indiani.

O artigo intitulado *Topicalização e deslocamento à esquerda: sintaxe e prosódia*, de que participei como colaboradora, foi publicado na *Gramática do Português Falado* em 1993. Nesse trabalho, se fez um estudo dos indicadores prosódicos (ritmo, pausa, entoação) que diferenciavam e marcavam os processos sintáticos de topicalização, com a finalidade de se fazer uma classificação fonossintática dos diversos tipos de tópicos em Português Brasileiro (PB).

Defendi minha Dissertação de Mestrado, sob orientação da Professora Doutora Dinah Maria Isensee Calou e coorientação do Professor Doutor João Antônio de Moraes, em 1994, mantendo-me fiel à linha de pesquisa do Projeto NURC/RJ, variação e mudança, do qual vinha participando efetivamente desde a minha graduação. Em minha Dissertação, intitulada *A função dos vocábulos em -mente na fala culta carioca*, fiz um estudo da função dos vocábulos derivados em *-mente*, coletados em dezesseis inquéritos do tipo DID/RJ (Diálogo entre Informante e Documentador), integrantes do *corpus* do referido Projeto, usando como suporte teórico-metodológico a Teoria da Variação Laboviana em uma perspectiva de comparabilidade funcional, segundo Lavandera (1984). Resgatando a contribuição de Mattoso Camara Jr. (1970), este trabalho visava a comprovar que os vocábulos em *-mente*, tradicionalmente classificados como “advérbios de modo”, pertenciam à classe dos nomes e desempenhavam outras funções além da adverbial.

A hipótese geral da Dissertação era a de que o vocábulo derivado em *-mente* modificador do verbo é o advérbio e o vocábulo derivado em *-mente* modificador de quaisquer outras “classes” da abordagem tradicional é pseudo-advérbio. Além dos casos previstos pela abordagem tradicional – modificador do adjetivo, da oração, do advérbio – acrescentaram-se, nesse grupo, outros que apenas alguns autores levavam em consideração, a saber: modificador de substantivo, de sintagma preposicionado, de pronome, além do caso denominado, por mim, de discursivo, aquele em que o vocábulo derivado em *-mente* não exerce função na sentença, mas no discurso. Vejamos alguns exemplos apresentados por Rodrigues (1994, p. 128-129):

- **Modificador do verbo**

Isso não... não exa... lembro exatamente.../

(INQ. 042; l. 249)

- **Modificador da oração e/ou frase**

Mas o... o “Os sertões” se você pegar pela primeira vez você não consegue ler...
[/principalmente se for jovem...] (INQ. 144; l. 242)

- **Modificador de advérbio**

Agora naturalmente aqui eles fazem às vezes prédios mais requintados... né...
(INQ. 153; l. 466)

- **Modificador de substantivo e/ou SN**

A própria proteção já passa a ser uma proteção [que polui... quer dizer...
/realmente uma loucura completa...] (INQ. 097; l. 295)

- **Modificador de SP**

E o aluguel era pesado... principalmente pro... pro meu ordenado...
(INQ. 048; l. 363)

- **Modificador de pronomes**

[Eu geralmente quando vou dizer aonde] e que eu e eu digo que é perto do
Rebouças... (INQ. 101; l. 426)

- **Discursivo (ausência de modificador)**

Todas as nossas casas até agora foram casas /praticamente alugadas... né... todas
elas... né... (INQ. 210; l. 296)

Os exemplos reproduzidos de minha Dissertação mostram outras possibilidades de modificação para os vocábulos derivados em *-mente*. Para avaliar a proposta antes apresentada, minha banca contou com a presença das Professoras Doutoras Maria Helena Marques e Edila Vianna da Silva, além dos Professores Dinah Callou e João Moraes, já mencionados.

Os resultados obtidos em minha Dissertação de Mestrado foram apresentados à comunidade científica em uma comunicação no *I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística – ABRALIN*. Lembro-me até hoje do susto que levei ao ver na plateia nada mais nada menos do que Ataliba Teixeira de Castilho,

Professor com o qual passaria a ter contato no *Projeto Gramática do Português Falado*, um pouco depois.

Durante o curso de Mestrado, houve uma seleção para professor de redação na COPPE/UFRJ e eu fui aprovada em primeiro lugar. No *Curso Experimental de Língua Portuguesa para Secretárias*, tendo como público-alvo os funcionários técnico-administrativos da COPPE/UFRJ, sob coordenação dos Professores Suzana D'Ávila e Jorge Máximo, da Faculdade de Letras da UFRJ, tive total liberdade para aplicar toda a experiência e intuição linguísticas adquiridas ao longo de minha graduação. Foi uma experiência muito importante para mim e que me ajudou muito nas minhas futuras aulas de redação na Letras.

A intuição de que o exercício de minhas atividades de ensino estavam voltadas para a Graduação em Letras e, portanto, para a formação de professores com uma visão crítica do ensino da Língua Portuguesa ficou definitivamente ratificada ao ingressar na Faculdade de Letras da UFRJ como Professora Substituta (prestei os exames de seleção nos anos de 1992, 1993 e 1994). Nesses períodos, ministrei aulas de *Português II – Morfossintaxe Sincrônica e Produção Textual* nas unidades externas (Escola de Comunicação e Administração). Tal experiência teve papel relevante na feitura de minha Dissertação, visto que muitas questões suscitadas pelos alunos ao longo das aulas de *Morfologia* foram objeto de minha análise.

Experiência notável também foi participar da capacitação dos professores aprovados e nomeados após o Concurso Público para o Magistério da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, realizado em 1992, pela Fundação João Goulart. Nesse encontro com professores da rede pública, tive oportunidade de discutir a questão do “erro” linguístico e das noções pertinentes a tal discussão, relatando a eles minha experiência e conhecimento sobre variação, adquiridos nas minhas atividades de pesquisa.

O ano de 1994 marca dois momentos importantes de minha trajetória acadêmica: o término do Mestrado e o concurso público para o Departamento de Letras Vernáculas – Setor de Língua Portuguesa – da Faculdade de Letras da UFRJ. Participaram de minha banca de concurso as Professoras Doutoras Maria Emília Barcelos, Edila Vianna da Silva e Eneida Bonfim. Esta última, autora de um livro sobre o tema de minha dissertação **Advérbios**. Muitas emoções... Um dos pontos sorteados para a prova escrita foi exatamente “O advérbio em Português: a tensão entre a teoria e a prática”. Os outros dois foram: “A interpretação fonêmica do sistema de vogais da língua portuguesa” e “A

redução do quadro consonantal em posição pós-vocálica”. O ponto sorteado para a prova didática foi “Classificação dos vocábulos formais em Português”.

O concurso ocorreu no período de 05 a 07 de dezembro de 1994. O mais inusitado de tudo isso é lembrar que, embora eu estivesse no meio acadêmico e convivendo com Professores que já haviam passado por esse processo, eu não perguntei nada para ninguém, nem para minha orientadora, porque ela estava fora do país. Eu não tinha a menor noção de como eram os concursos desse tipo e nem do que me esperava. A cada etapa eu tomava um susto, muita exposição, muita tensão e, para mim, o resultado significava permanecer no Rio ou voltar para Mar de Espanha, já que precisava trabalhar. Duas etapas foram muito difíceis para mim por conta da minha timidez: a leitura pública da prova e a divulgação do resultado (nesse caso, me senti como os dirigentes de escola de samba, porque iam abrindo os envelopes e lendo as notas de cada Professor uma a uma e anotando no quadro negro). Muito tenso isso... Felizmente, deu tudo certo e eu fui aprovada em primeiro lugar. Tenho até hoje guardadas as notas de cada avaliador num papelzinho amarelado arrancado de uma agenda da época.

Após ter feito esse concurso público para o magistério federal, objetivando iniciar minha carreira docente, fui surpreendida pelo decreto número 1452, de 13 de abril de 1995, que proibia os concursos públicos e a contratação dos professores já aprovados. Novamente, impulsionada pelo desejo de ensinar, concordei em trabalhar assinando um contrato bastante precário – o de Substituto Especial. Assim, saí da euforia da aprovação para o impedimento de tomar posse. Foi um misto de alegria, decepção e revolta muito grande.

Assim, mesmo tendo passado no concurso público para professor efetivo, ministrei aulas no primeiro semestre de 1995 como Substituta Especial. As disciplinas lecionadas foram *História externa e interna da Língua Portuguesa – Português IV* e *Produção de textos – Português M*. Portanto, só comecei a trabalhar como professora efetiva da Faculdade de Letras da UFRJ um pouco depois. Assim como eu, outros colegas da Letras estavam na mesma situação. Cito apenas dois: Roberto Ferreira da Rocha e Leonor Werneck dos Santos. Como foi uma situação que envolveu várias unidades da UFRJ, a Associação dos Docentes da UFRJ – a ADUFRJ – mobilizou-se para tentar resolver o problema. Assim, juntamente com Leonor e Roberto, passei a frequentar as reuniões da Associação de Professores para acompanhar os desdobramentos de nosso caso. Nesse período, participei até de um *Congresso da*

Associação Nacional de Instituições Federais de Ensino (Andifes) em Santa Maria/RS. Foi uma experiência incrível. Era um mundo que eu não conhecia: muitas assembleias, muitas reuniões políticas, uma dessas, inclusive, aconteceu na casa do Professor Horácio Macedo. Aprendi muito, mas percebi logo que enveredar por esse caminho não era o meu objetivo, mesmo sabendo que se trata de uma faceta necessária e importantíssima do universo acadêmico.

No decorrer desses anos de formação acadêmica, como poderão perceber, tenho tentado manter, na medida do possível, uma trajetória coerente, visando sempre à busca pelo saber, que atenda não só aos meus anseios, mas também às exigências de um desempenho, no mínimo, satisfatório de minhas atividades docentes, congregando ensino, pesquisa e extensão. Assim, depois de minha contratação como professora efetiva, em 1995, na categoria de assistente, resolvi prestar a seleção para o curso de Doutorado, mesmo sem bolsa e sem diminuição de carga horária. Uma exigência à época. Então, paralelamente às minhas atividades docentes, comecei o meu curso de Doutorado nesse mesmo ano.

6. DOUTORADO (1995-2001)

Cursar o Doutorado e ministrar as aulas na Graduação concomitantemente não foi tarefa nada fácil. À exceção de *Fonética e Fonologia (Português III)* e *Sintaxe do Português Contemporâneo (Português VI)*, durante o curso Doutorado, atuei nas demais disciplinas da grade curricular da época, a saber: *Português I (Variação em Língua Portuguesa e História Externa da Língua)*, *Português II (Morfologia)*, *Português IV (História Interna da Língua Portuguesa)*, *Português V (Sintaxe)*, *Português VII (Semântica)*, *Português VIII (Ensino e Pesquisa em Língua Portuguesa)*. Além disso, ministrei aulas voltadas para a produção textual no *campus* da Praia Vermelha, na Escola de Comunicação, disciplinas chamadas de *Português Instrumental I e II*.

O segundo ano do curso foi marcado pela perda de meus pais: minha mãe faleceu em fevereiro e meu pai em maio de 1997, o que me abalou muito. Além dessas perdas, em agosto de 2000, meu cunhado que tanto me ajudara também se foi. Muito difícil manter o interesse pelo curso nesse contexto, mas Professores como Maria Eugênia, Dinah Callou, Yonne Leite, Maria Lúcia Leitão, Aparecida Lino Pauliokonis, Fernanda Bacelar do Nascimento, Edwaldo Cafezeiro e Humberto Peixoto de Menezes, com seu exemplo e profissionalismo, conseguiram me motivar a continuar.

Um dos trabalhos desenvolvidos em uma das disciplinas feitas no Doutorado intitulado *O uso das conjunções subordinativas na língua escrita padrão*, avaliado pela Professora Doutora Maria Eugênia Lamoglia Duarte, transformou-se em projeto individual de pesquisa e foi apresentado no *Congresso da ASSEL* e, posteriormente, publicado nos *Anais* do evento (**VIII Congresso da ASSEL-RIO**, Associação de Estudos da Linguagem do Rio de Janeiro, 1999). A partir deste estudo, meu interesse pelo comportamento dos conectores se intensificou e começaram algumas tímidas orientações de Iniciação Científica sobre alguns deles.

Destaco ainda, nesse período, a disciplina *Aspectos da sintaxe do português falado*, ministrada pela Professora Doutora Fernanda Bacelar do Nascimento, pesquisadora com quem tive a oportunidade de conviver um pouco mais depois, ao ingressar no Projeto VARPORT e participar de uma missão de trabalho na Faculdade de Lisboa. Analisar sintaticamente a língua oral e entender suas especificidades foi muito produtivo para o meu processo de ensino/aprendizagem de sintaxe do Português.

A essa altura, minha vida acadêmica envolvia as aulas de Graduação, participação em eventos, orientações de IC e as disciplinas do Doutorado. Terminadas as disciplinas, a investigação para a escritura da tese tornou-se prioridade.

Meu projeto inicial previa a descrição de todas as subordinadas adverbiais, tendo em vista que, muitas leituras realizadas sobre advérbios, à época do Mestrado, suscitaram o interesse por verificar a questão da mobilidade dessa classe e sua relação com as orações que podiam preencher os mesmos espaços desse constituinte. Esse recorte também foi motivado pelo trabalho *Preenchimento em fronteiras de constituintes: as orações subordinadas* (**Gramática do Português Falado**, 1996), de que participei como colaboradora. À medida que as leituras e discussões sobre o Projeto iam se desenrolando, fui percebendo que o grupo denominado “*subordinadas adverbiais*” englobava estruturas muito distintas e que, portanto, constituíam um subgrupo bastante heterogêneo no âmbito da denominada “subordinação”. O critério para a escolha das orações comparativas como objeto de estudo à época foi o de não haver muitos trabalhos que as descrevessem e o pouco espaço que era dedicado a elas nas gramáticas.

Assim, em outubro de 2001 defendo minha tese sobre as construções comparativas, sob orientação da Professora Doutora Dinah Maria Isensee Callou e coorientação da Professora Doutora Maria Eugênia Lamoglia Duarte, em que analiso as comparativas em Língua Portuguesa, com base em dados de Língua Oral e Escrita, segundo o modelo variacionista. Minha banca contou com a participação dos Professores Doutores Humberto Peixoto de Menezes, José Carlos Azeredo e Therezinha Maria Mello Barreto, além das Professoras antes mencionadas e a tese se intitula **Construções comparativas: estruturas oracionais?** A motivação para o estudo foi a constatação de que as orações comparativas constituem um tipo de estrutura especial, o que determinou o interesse por uma descrição dessas construções em Língua Portuguesa, mostrando suas diferentes realizações sintáticas, a fim de verificar quais são realmente oracionais, conforme o próprio título indaga. A hipótese que se desejava comprovar com a tese era a de que as construções comparativas não oracionais eram as mais frequentes no Português. O trabalho objetivava, ainda, estabelecer uma tipologia dessas construções e mostrar que era possível fazer uma análise de base quantitativa que seguisse o modelo variacionista, proposto por Labov (1972), usando ainda outros pressupostos teóricos, tais como tradicionais, gerativistas, só para citar alguns. Ao todo analisaram-se 461 construções comparativas, 315 de Língua Escrita e 146 de Língua

Oral. O *corpus* de Língua Escrita compunha-se de 20 peças teatrais, distribuídas pelos séculos XVIII, XIX e XX; o de Língua Falada, de 30 inquéritos de Português Brasileiro e 42 de Português Europeu, distribuídos pelas décadas de 70 e 90.

Com base na análise de dados reais de Língua Portuguesa em diferentes períodos de tempo e nas modalidades Escrita e Falada, do Brasil e de Portugal, conseguiu-se com a tese estabelecer uma nova tipologia para a classificação das construções comparativas em Língua Portuguesa – estruturas comparativas oracionais correlatas e não correlatas, e estruturas comparativas não oracionais correlatas e não correlatas –, evidenciando, portanto, características de superfície de tais estruturas no Português.

Contrapondo o comportamento das construções comparativas nas amostras de Língua Escrita e de Língua Falada, verificou-se com o estudo que as não oracionais são as construções mais frequentes em Língua Portuguesa, contrariando o postulado de que as comparativas sejam sempre estruturas oracionais. Seguem-se exemplos do *corpus* de Rodrigues (2001, p. 78-79):

I. construções comparativas oracionais correlatas

(3) *Hoje eu trabalho mais [do que trabalhava.]* (AC 18)

II. construções comparativas oracionais não-correlatas

(4) *Conheço o Pão de Açúcar [como conheço o Corcovado].* (OHDQN2)

(5) (...) *hei de evitar-te [como o devedor ao credor.]* (ACS)

III. construções comparativas não-oracionais correlatas

(6) *Minhas notas foram muito mais altas no curso profissional [do que no básico.]* (AC 1)

IV. construções comparativas não-oracionais não-correlatas

(7) *Lá não há, não tem bom tempo [como aqui.]* (AC 1)

Nos itens I e II, tem-se exemplos como (3) e (4) em que o verbo vem expresso, e como (5) em que há o cancelamento do SV, mas não dos seus argumentos. Portanto, casos de estruturas oracionais completas e incompletas, respectivamente.

Nos itens III e IV, tem-se os exemplos (6) e (7) em que ocorre a elipse/apagamento do SV como um todo. Analisando-se ainda os exemplos, nota-se que as estruturas comparativas envolvem correlação e subordinação.

Concebo a correlação como processo de estruturação sintática em que uma sentença estabelece uma relação de interdependência com a outra no nível estrutural. Assim, nenhuma das orações subsiste sem a outra, porque, na verdade, elas são interdependentes. A correlação tem sua conexão estabelecida por elementos formais, expressões que compõem um par correlativo (conectores correlativos), estando cada um de seus componentes em orações diferentes.

Como à época ainda não adotava a perspectiva funcionalista para análise da conexão de orações, subordinação, nesse caso, equivalia aos casos das orações que funcionavam como adjuntos, alinhando-se à abordagem tradicional. Assim, pode-se depreender que os casos denominados de não correlatas são de estruturas de subordinação. Como se pode notar, mantive a numeração original dos exemplos dados à época.

Ao longo da feitura da tese, meu maior desejo era dar um curso de Sintaxe do período composto, o antigo PORTUGUÊS VI (hoje, simplesmente, SINTAXE), por conta de toda a revisão bibliográfica feita para a elaboração da tese e também por conta das orientações que a essa altura já estavam em maior número. Ministrei o curso de Sintaxe do período composto na Graduação pela primeira vez em 1999 e nunca mais parei. Nasceu uma nova paixão...

Sobre a banca de minha defesa de Doutorado vale mais um comentário: a Professora Therezinha Barreto, que só conheci no dia da defesa, depois se tornou a principal referência para o meu Projeto individual de pesquisa, o que nem eu mesma imaginava à época. A tese de doutorado da Professora é um dos trabalhos mais completos que eu conheço sobre a história das conjunções do latim ao português adotando a perspectiva funcionalista, aporte teórico que eu abraçaria mais tarde em minha carreira. Destino? Coincidência?

7. OUTRAS EXPERIÊNCIAS

Como disse no início deste Memorial, gratidão é o sentimento que permeia minha história acadêmica. Gratidão a minha mãe, pela sua sabedoria; gratidão a minha irmã e a meu cunhado, pela oportunidade de vir para o Rio, de estudar e de chegar até aqui. Gratidão a Professora Doutora Silvia Figueredo Brandão, por sua solicitude e generosidade, ao me propor planejar e preparar as aulas de *Sintaxe* juntas. Até hoje sigo os passos que aprendi com ela. Foram momentos de aprendizado, parceria e muita seriedade no trabalho. Aliás, quando fiz o concurso para assistente, Dinah estava fora fazendo Pós-Doutorado e foi Sílvia quem me ajudou com a indicação de dois livros sobre Português como Língua Estrangeira (PLE), área prevista no programa sobre a qual eu nunca tinha ouvido falar. Acho que foi a única consulta que fiz a um Professor naquele processo tão solitário do concurso. Até hoje, sempre que preciso de um conselho, tenho alguma dúvida sobre algo institucional, é a Sílvia a quem recorro.

Depois da conclusão do Doutorado, tive outras experiências acadêmicas, como a participação no Projeto VARPORT (2002-2004), a participação no Grupo *Discurso e Gramática* D&G (2002-2004) e, finalmente, a criação do meu próprio grupo de pesquisa *Usos de conectores e articulação de cláusulas*. Com isso, acabei me afastando do NURC e da perspectiva sociolinguística como aporte teórico principal de minhas investigações e, conseqüentemente, da sala F-310 – a sala do Projeto NURC e de Dinah. Comecei a caminhar com minhas próprias pernas, ou seja, adquiri mais autonomia e isso devo a Dinah, que sempre me provocou, instigou, me pôs à prova, questionou, incentivou a buscar sempre mais e o melhor. A ela devo o aprendizado do rigor científico. Seu exemplo de dedicação à Letras e à UFRJ são inegáveis e sua dedicação à pesquisa também. Dinah faz parte de minha história e formação desde a Graduação. Muito respeito e gratidão a ela por tudo que me proporcionou!

O período em que participei do Projeto VARPORT foi muito marcante porque me permitiu explorar e revisitar minha tese, principalmente, no que diz respeito ao tema da correlação, que acabou resultando em muitas apresentações em eventos e publicações. A mais conhecida delas encontra-se em **Ensino de gramática: descrição e uso** (2007; 2011) e se intitula *Correlação*. Além disso, me possibilitou participar de uma missão de trabalho na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL) em 2002, na qual ministrei um minicurso sobre a *Aplicação do pacote de programas VARBRUL* (hoje GOLDVARB) para alunos de licenciatura. Não posso deixar de

lembrar do artigo *O período composto: subordinação & correlação* (**Morfossintaxe e ensino de português: reflexões e propostas**, 2004), que foi o mote para o artigo *Correlação* no **Ensino de gramática: descrição e uso**.

A minha participação, ainda que breve, no Grupo *Discurso e Gramática - D&G* (2002-2004), a convite da Professora Doutora Mariangela Rios de Oliveira, foi muito significativa para minha perspectiva de análise linguística, porque me colocou a par de uma proposta teórica até então desconhecida – o Funcionalismo. Assim, em contato com a Professora Doutora Maria Maura Cezário e o saudoso Professor Doutor Mario Martelotta (que nos deixou tão cedo), comecei a fazer minhas primeiras investigações, adotando a teoria funcionalista. As reuniões do grupo na UFRJ eram muito proveitosas e tive a chance de estudar e aprender Funcionalismo com os funcionalistas. Muita gratidão a todos eles!

Não posso deixar de registrar aqui meu contentamento de ter tido a chance de conhecer o Professor Doutor Christian Lehmann no *I Simpósio Internacional de Linguística Funcional* na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMT) – *Campus Três Lagoas*, e de fazer um minicurso com ele, em 2011, sobre articulação de orações na perspectiva funcionalista. Mais tarde um pouco, foi a vez de fazer outro curso, agora com a Professora Doutora Adele Goldberg (University of Princeton), em 2016, no *XXI Seminário Nacional e no VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática*. Como aprendi!

Sobre laços que se perdem e outros que se consolidam, cada vez mais, minha amizade com Elenice, que começou na Graduação, continuou no NURC e se estendeu até o Mestrado, ganha um componente novo. Além dos laços de profissão que nos uniram desde o início, já dando aula no Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Léo (assim que eu a chamava) volta para a Letras para fazer Doutorado em 2004. Para minha grande surpresa, ela me escolhe para ser sua orientadora. Seu tema de tese – *A interpretação das cláusulas relativas no Português do Brasil: um estudo funcional* – resgata nossa experiência com o trabalho de interface entre sintaxe e prosódia, que já tínhamos ensaiado na década de 90 no *Projeto Gramática do Português Falado*. Para fazer tal interface, contamos com a generosa colaboração da Professora Doutora Myrian Azevedo de Freitas, do Departamento de Linguística e Filologia da UFRJ, exatamente para a parte prosódica. Em 2007, Léo defende sua tese e nossa relação profissional fica ainda mais estreita, conforme ela se engajava no meu grupo de pesquisa.

8. GRUPO DE PESQUISA

O meu grupo de pesquisa *Usos de conectores e articulação de cláusulas* consolidou-se com a organização do *I Seminário sobre usos de conectivos e articulação de cláusulas*, realizado nos dias 31 de agosto, 01 e 02 de setembro de 2010 na Faculdade de Letras da UFRJ. Nesse evento, consegui reunir Professores muito importantes na área a que estava começando a me filiar, o Funcionalismo, tais como: Maria Beatriz Nascimento Decat (UFMG), Mário Martelotta (UFRJ), Maria Luiza Braga (UFRJ), Sanderléia Roberta Longhin-Thomazi (UNESP/SJRP), Jussara Abraçado (UFF), Mariangela Rios de Oliveira (UFF), Lilian Ferrari (UFRJ) e Nilza Barrozo Dias (UFF). A organização desse evento delineou meu perfil de pesquisadora e de orientadora e serviu para eu divulgar os resultados de 10 anos de investigação/orientação que vinha fazendo sobre usos de conectores, articulação de orações e processos sintáticos de conexão de orações, que culminaram na organização do livro **Articulação de orações: pesquisa e ensino**, no mesmo ano. O livro foi tão bem recebido pela comunidade científica e por professores de maneira geral, que em 2017 fiz uma versão eletrônica dele, cujo *link* para o *download* encontra-se no *site* do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ.

Léo, além de ter um capítulo no livro, participou efetivamente da organização do evento em 2010. Inclusive, escrevemos juntas um artigo intitulado *As orações com que tenho mais dificuldade são as relativas? Ou as orações que tenho mais dificuldade (com elas) são as relativas? (Orações relativas no português brasileiro: diferentes perspectivas*, 2014) que, infelizmente, Léo não chegou a ver publicado, porque faleceu em outubro de 2011. Mais uma perda nessa minha trajetória. Muito difícil! Demais para mim. Muitos projetos e planos interrompidos...

O impacto do *I Seminário sobre usos de conectivos e articulação de cláusulas* foi tão positivo que resultou na publicação, em 2013, do livro **Gramaticalização, combinação de cláusulas, conectores**, compilação de alguns dos trabalhos apresentados no evento. Neste volume contei com artigos das Professoras Nilza Barrozo Dias (UFF), Sanderléia Longhin-Thomazi (UNESP/SJRP), Mariangela Rios de Oliveira (UFF), Lilian Ferrari (UFRJ), só para citar alguns dos autores. Outra consequência positiva do evento por mim organizado foi o convite para integrar a comissão executiva do Congresso Internacional da Faculdade de Letras da UFRJ, em 2013.

A organização e a publicação desse livro ocorreram no período de 01 de agosto 2012 a 10 de abril de 2013, quando consegui afastamento para fazer Residência Pós-Doutoral no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – POSLIN – da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – FALE/UFMG, sob supervisão da Professora Doutora Maria Beatriz Nascimento Decat. O Projeto intitulava-se *A expressão da comparação de igualdade em Português* e tinha como foco descrever o(s) uso(s) de conectores comparativos que estavam sendo empregados na língua escrita do Português Brasileiro.

Os resultados encontrados me permitiram afirmar que o quadro das conjunções comparativas em uso pelos falantes de Língua Portuguesa na modalidade escrita não se restringe apenas ao que prescreve a tradição gramatical, sofrendo interferência da dinamicidade linguística de que a fala é exemplar. Assim, novos vocábulos, tais como *feito, igual, tipo e que nem*, mesmo não sendo prototipicamente conjunções, têm sido empregados com essa função pelos usuários da Língua Portuguesa. Seguem-se exemplos desses usos coletados de *corpora* variados:

Semicúpio – Sim, estou França, porque estou [**feito** galo.]

(VDDQ – Vida de Dom Quixote, 1733)

(...) é esse alertamento à mulher... ajudar ela que acorde pra esse... pra esse estado de coisas... que ela pode... ela é um ser humano [**igual** ao homem...]

(INQ. 373 - PB)

Eles acham que vai ser uma coisa [**TIPO** 64] outra vez além de analisarem tudo em termos de escala: custos, indenizações, dívida interna, títulos da dívida agrária, enfim não veem a dimensão política e social.

(*Corpus Adufrj*)

(...) aí eu gostava de comprar sorvete... sorvete da Kibon custava centavos né... [**que nem** os de hoje.]

(INQ. 20 - PB)

9. NOVAS EXPERIÊNCIAS

A essa altura, eu já estava consolidada como professora da Pós-Graduação e um novo horizonte se delineou. Muitas chances, oportunidades foram aparecendo ao longo da minha carreira e eu nunca as deixei escapar... Vejamos algumas...

Minha experiência com as questões voltadas para a editoria inicia-se em 2011, quando aceitei integrar o conselho editorial da *Revista LETRA – Revista de Língua e Literatura*. Essa revista era publicada semestralmente pela Faculdade de Letras da UFRJ e teve seu auge com a publicação das contribuições que foram enviadas pelos conferencistas, participantes de mesas-redondas e de simpósios do *II Congresso Internacional da Faculdade de Letras da UFRJ (II CIFALE) – Línguas, Literaturas, Diálogos*.

O II CIFALE foi realizado no período de 02 a 05 de setembro de 2013, na Cidade Universitária, sendo um evento internacional que congregou os mais diversos conhecimentos voltados para a área de Letras e Linguística. Esse congresso foi organizado por professores de todos os Departamentos da Faculdade (inclusive eu participei de sua comissão executiva) e teve como principal objetivo promover um amplo diálogo entre pesquisadores, escritores, tradutores, professores e estudantes em torno das questões que vinham constituindo a agenda do debate nacional e internacional.

O período de trabalho na editoria da Revista Letra foi cheio de desafios, aprendizados vários e constantes em parceria com o Professor Doutor Pedro Barbosa do Departamento de Letras Clássicas. O trabalho de editor de revista me fascinou e me envolveu tanto que acabei sendo convidada para assumir a mesma tarefa na *Diadorim – Revista de Estudos Linguísticos e Literários* do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Como minha participação na editoria da *Revista Letra* já havia se encerrado em 2014, aceitei assumir o mesmo tipo de trabalho na *Diadorim*, o que se estendeu de 2014 até 2017. Formei um conselho editorial juntamente com as Professoras Doutoras Eliete Figueira e Márcia Machado, que continuam o trabalho até hoje. Gostei demais dessa atividade e estaria nela ainda se tivesse a infraestrutura adequada para realizá-la, o que infelizmente não é o caso. Não por culpa do Programa ou mesmo da Faculdade; na verdade, como todos sabem, cada vez mais exigem de nós desempenhos de excelência sem nos darem as condições mínimas para cumpri-los.

Confesso que sou um pouco avessa às atividades administrativas e de representação, mas, quando aceito desempenhá-las, me esforço para que seja da melhor maneira possível. Participar com membro titular da Congregação da Faculdade de Letras da UFRJ (2012 a 2014, 2014 a 2016, 2016 a 2018) e da Comissão do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa (05.01.2018 a 09.01.2019) constituiu um aprendizado muito grande sobre a Letras e sobre os meandros que envolvem a administração pública (UFRJ), além disso, propiciou o contato mais direto com colegas de outros Departamentos e Setores com os quais normalmente não interajo. Portanto, novamente, momentos de muito aprendizado.

Como eu disse há pouco, nada do que está acontecendo na minha vida acadêmica foi/é planejado. Por exemplo, entrar e permanecer na Pós foi/é consequência do meu trabalho e dedicação.

10 – FORMAÇÃO DISCENTE

Continuo querendo aprender e adoro ensinar e perceber que as pessoas entendem o que explico e vão além. Minha maior realização é ver os alunos/orientandos crescendo profissionalmente e se realizando na sala de aula, apesar dos pesares de nossa profissão. A relação de nomes a seguir juntamente das respectivas instituições nas quais alguns de meus ex orientandos trabalham e/ou com a indicação dos concursos em que passaram é motivo de muito orgulho. Pena que isso não cabe no Lattes!

Anderson Godinho Silva

Aprovação no concurso da PREFEITURA MUNICIPAL DE MESQUITA: cargo - professor I Língua Portuguesa (carga horária: 16 horas). Atua na ESCOLA MUNICIPAL VEREADOR AMÉRICO DOS SANTOS.

Aprovação no concurso do GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: cargo - professor I Língua Estrangeira (Inglês), carga horária - 16 horas. Atua no COLÉGIO ESTADUAL COMPOSITOR LUIZ CARLOS DA VILA.

Vanessa Pernas Ferreira

Aprovação em Concurso Público para provimento do Cargo de Professor I – Língua Portuguesa do Quadro Permanente de Pessoal do Município do Rio de Janeiro no âmbito da Secretaria Municipal de Educação. 2013. Trabalha atualmente em regime de 40h na ESCOLA MUNICIPAL BAHIA.

Heloise Vasconcellos Gomes Thompson

Aprovação em Concurso Público para provimento do Cargo de Professor I – Língua Portuguesa do Quadro Permanente de Pessoal do Município do Rio de Janeiro no âmbito da Secretaria Municipal de Educação. 2013.

Professor Substituto da UFRJ de 2016-1 a 2017-1.

CONCURSO PÚBLICO PARA PROVIMENTO DE CARGOS DE PROFESSOR DE ENSINO BÁSICO, TÉCNICO E TECNOLÓGICO do Instituto Federal do Rio de Janeiro. Cargo: Professor EBTT na área de Português/Inglês. Edital: 44/2016. Homologação do concurso: 19 de maio de 2017. Posse: 04 de agosto de 2017.

Ivo da Costa do Rosário

Aprovação em concurso de provas e títulos para professor efetivo do Instituto de Linguagem da Universidade Federal Fluminense. UFF 2012 – 20 h.

Aprovação em concurso de provas e títulos para professor efetivo do Instituto de Linguagem da Universidade Federal Fluminense. UFF 2013 – 40 h.

Felippe de Oliveira Tota

Processo Seletivo para Professor Substituto do Colégio de Aplicação da UFRJ
Admissão: 20/03/2013. Atuou até 12/2014.

Processo Seletivo De Tutores. Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do Rio de Janeiro (Fundação CECIERJ/Consórcio CEDERJ) - Polos Duque de Caxias (PDC), Sarah Kubitscheck (CGR) e Volta Redonda (VRE).
Admissão: 26/02/2011. Atuou até 12/2014.

Aprovação no Concurso para o Instituto Federal de Santa Catarina, *Campus Aranguá* em 2014. Posse em 20/02/2015.

Aline Ponciano dos Santos Silvestre

Concurso para Professor Efetivo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - 40 horas DE – 2018. Atua na Faculdade de Letras da UFRJ.

Seleção para Professor Substituto da Faculdade de Letras – UFRJ (Edital nº 296, de 23/08/2016, publicado no DOU nº 163, de 24/08/2016) – contratação: setembro de 2017 a julho de 2018.

Concurso para professor efetivo da Universidade Federal de Viçosa (edital 18/2017). Departamento de Letras. Área/subárea: Teoria e análise linguística /Ensino de língua portuguesa

Gesieny Laurett Neves Damasceno

Concurso para Professor Efetivo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Edital 51/2017, de 05 de junho de 2017. Cargo: Professor do Magistério Superior (quadro permanente, dedicação exclusiva). Centro de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de Línguas e Letras. Área/Subárea: Linguística / Teoria e Análise Linguística. Data do concurso: 28/08 a 01/09. Atua na UFES.

Karen Pereira Fernandes de Souza

01/2013, Faetec 2013 - Professor I, 20h, Francês (Prazo determinado).

01/2014, Faetec 2014 - Professor I, 20h, Francês (Prazo determinado).

03/2016, Colégio Pedro II - Professor Substituto e temporário, 40h, Francês.

03/2016, UFRJ - Professor Substituto, 20h, Língua Portuguesa. Atuou de 2016 a 2017.

Luiz Herculano

Aprovação no Concurso para o Instituto Federal de Santa Catarina, *Campus Gaspar*, em 2014 e posse em 01/03/2016.

A formação discente, como já deu para perceber, é uma das maiores preocupações que tenho quando entro em sala de aula, seja nas aulas da Graduação ou da Pós, ou quando faço apresentações em eventos. Assim, nos cursos e nas palestras de extensão universitária que sou convidada a dar, sempre procuro ser a mais clara e o mais simples possível.

No que se refere à atuação em atividades de extensão, quero destacar a colaboração no Projeto de Luiz Herculano de Souza Guilherme, intitulado *A identidade Sociolinguística de Haitianos da região Gaspar-Blumenau* no IFSC (Instituto Federal de Santa Catarina).

O IFSC oferece um curso de Português como Segunda Língua para haitianos numa perspectiva comunicativa. O Projeto volta-se para esses refugiados, com o objetivo de identificar o perfil sociolinguístico desses haitianos e de buscar verificar as dificuldades linguístico-gramaticais e sociais apresentadas por eles. Assim, pretende-se apresentar ao aluno do IFSC uma nova perspectiva de ensino de Língua Portuguesa, em que o foco não seja somente o saber gramatical, com o intuito de promover a interação entre os alunos do *Campus Gaspar* com os haitianos.

Minha atuação à distância centra-se na orientação sobre a elaboração de materiais e atividades didáticas a serem empregadas com esse grupo. A experiência que tenho com a organização/elaboração dos materiais que eu adoto em sala de aula, sejam apostilas, coletâneas, cadernos de exercícios, ajudaram muito nessa atividade. Exemplifica esse meu interesse pela elaboração de materiais didáticos os *e-books* organizados para divulgar as pesquisas desenvolvidas pelos meus orientandos.

Não posso deixar de mencionar aqui a minha alegria de ter podido presenciar uma apresentação de trabalho do Professor Luiz Herculano com dois alunos desse Projeto de extensão no *VII Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa - VII SIMELP* (20-24.08.2019). Momento raro e que serviu para mostrar que é possível integrar pesquisa, ensino e extensão, o que tento sempre fazer.

Esse episódio me marcou tanto, que vou fazer uma digressão para contar a história desse Projeto. Desde 2016, quando Luiz Herculano ingressou como professor no IFSC foi estimulado pela gestão e pelos alunos a elaborar/desenvolver um projeto de pesquisa relacionado à sua tese de doutorado, ou seja, Português como Língua Estrangeira (PLE), da qual era orientadora à época.

Havia a necessidade de mapear e entender qual era a situação linguística dos imigrantes haitianos em Gaspar; com isso, nas aulas de Português, o Professor Luiz

Herculano precisou abordar o tema da variação linguística e um aluno, que se tornou seu primeiro bolsista, teve a ideia de investigar as questões sociais diretamente ligadas àquela comunidade.

Com o desenvolvimento das atividades, professor e alunos perceberam que precisavam ampliar o campo de investigação para além da Sociolinguística; por isso, incluíram a área de Políticas Linguísticas no Projeto. Ainda assim, havia aspectos da pesquisa que careciam de mais investigação e discussão, tais como:

- os homens eram maioria entre a população haitiana;
- os homens falavam pelas mulheres;
- a facilidade com que os haitianos aprendem o português se deve, principalmente, ao fato de eles serem já falantes nativos de duas ou três línguas;
- as mulheres casadas e solteiras não podiam falar nas aulas; os homens falavam por elas. As dúvidas sempre eram tiradas pelos homens, fossem eles maridos, irmãos ou primos. As mulheres eram subjugadas e passavam por situação de violência doméstica. Tudo isso influenciava no processo de ensino e aprendizagem.

Durante o Projeto, que foi fruto do edital Proppi PIBIC-EM 2016/2017, o Professor Luiz Herculano e seus alunos bolsistas acompanharam as aulas de Português e Cultura Brasileira para estrangeiros dadas em Blumenau para os haitianos. Ele e os alunos se tornaram monitores da turma e auxiliavam os haitianos com a burocracia.

Por meio do acompanhamento desse grupo de haitianos, Professor e alunos puderam identificar algumas marcas linguísticas no grupo:

- a maioria dos haitianos domina a fala, mas tem muitas dificuldades na escrita e na leitura devido ao fato de muitos, sobretudo, as mulheres, não possuírem escolarização completa;
- 99,9% são evangélicos e chegam ao Brasil com ajuda de igrejas e, com isso, apresentam uma interação com nativos que se restringe às celebrações religiosas e ao trabalho; não assistem à TV, não ouvem rádio e não leem jornais. Nas

redes sociais e nas interações buscam seus pares, mais de 90% interagem somente com outros haitianos em creole e/ou francês;

- o francês é a base que os ajuda a aprender o Português, mas as coisas se complicam quando necessitam ler e/ou compreender textos e enunciados, pois boa parte não consegue avançar nas competência leitora e escrita por não interagir o tempo todo em Português, visto que, mesmo nas aulas de Português, uns ajudavam os outros em creole ou francês e não em Português. Por vezes, o Professor Luiz Herculano e seus bolsistas tinham de repreendê-los a respeito do uso da língua, pois as aulas serviam como pontos de encontro entre eles. Para os que já estavam estabelecidos no trabalho, a Língua Portuguesa era algo em segundo plano;
- apesar de serem evangélicos, cerca de 85% não entendiam as mensagens bíblicas, porque não liam fluentemente em Português, não compreendiam plenamente aquilo que era dito nos cultos, visto que não possuíam compreensão plena dos enunciados em Português, principalmente de metáforas e outras figuras de linguagem, por fim, apenas repetiam certas ideias ou ideologias que as instituições religiosas lhes "ensinavam".

Por meio desse acompanhamento, foi possível perceber que era necessário adotar um material didático mais dinâmico e que a monitoria nas aulas ajudava muito os haitianos. Os resultados da investigação relatada tornaram-se um trabalho que foi premiado em 2018 no Seminário de Ensino, Pesquisa, Extensão e Inovação do IFSC (SEPEI) como melhor poster na categoria formas de comunicar. Com base neles, foram preparados materiais trilingües (formulários, placas e *banners* que fomentaram o atendimento de saúde no município) para atender aos haitianos em Gaspar com o projeto de Extensão: *Estratégias em Saúde da Família: Saúde para os haitianos*. Outra vez, Professor e alunos foram premiados no mesmo seminário, só que agora no ano de 2019, como melhor projeto em formato de comunicação oral na categoria formas de comunicar. Foram premiados também em 2019 no SEPEI na categoria superação de desafios educacionais em 3º lugar no formato poster. Ainda em 2019, ampliaram o projeto *Estratégias em Saúde da Família: Saúde para os haitianos* e construíram um *software* trilingües integrado ao E-SUS para atendê-los e, além disso, fizeram cursos e palestras para formação dos professores das redes municipais de Gaspar, Blumenau e Pomerode que atendem a alunos haitianos na educação básica. Em 2020, docente e

alunos estão construindo materiais de ensino de Português para as turmas de haitianos e sistema de monitoria para os estudantes haitianos presentes na educação básica.

11- APRESENTAÇÕES E PUBLICAÇÕES DE TRABALHO

A mesma preocupação com as questões didáticas antes comentadas adoto nas publicações e apresentações de trabalho, procurando ser clara, objetiva e simples.

Como parecerista *ad hoc* tenho atuado avaliando:

1) artigos submetidos a revistas, cito por exemplo, *Revista Diadorim*, *Revista Linguística*, *Revista Soletras*, *Revista do GEL*, *Revista Línguas & Ensino*, *Revista Entremeios*, *Revista LaborHistórico*, *Revista Caderno de Letras*, *Revista Gragoatá*;

2) projetos de professores, por exemplo, na FAPESP e na UEMASUL;

3) livros como na EDUFRN/SEDI e na UFMG. A avaliação de Projetos de colegas é uma oportunidade única de se autoavaliar e melhorar seu fazer no dia a dia. Além disso, nos mantém informados sobre as pesquisas que estão sendo desenvolvidas em outras instituições diferentes da nossa.

No âmbito das publicações, quero destacar os livros em formato de *e-book* mais recentes:

- **Articulação de orações: pesquisa e ensino** (2017), disponível para *download* no *site* do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas: <http://posvernaculas.letras.ufrj.br/index.php/publicacoes>
- **Pesquisas em sintaxe e sua aplicação em sala de aula** (2019), disponível para *download* no *site* do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas: <http://posvernaculas.letras.ufrj.br/index.php/publicacoes>
- **Desgarramento de cláusulas em português: usos e descrição** (2019), disponível gratuitamente em www.blucher.com.br.
- **Ensino das orações adjetivas em sala de aula: reflexão e prática** (2020), disponível gratuitamente em www.blucher.com.br.

Nesses livros organizados por mim, minha principal intenção é divulgar os resultados das pesquisas que meus orientandos vêm realizando no âmbito da Iniciação Científica, do Mestrado e do Doutorado.

Já nas apresentações de trabalho, tenho procurado contemplar pelo menos dois congressos internacionais e dois nacionais, tendo em vista que, na maioria das vezes, participo dos eventos com meus próprios recursos. Destacarei apenas algumas dessas comunicações:

- “Morfemas relativos no PE e no PB: usos não canônicos” – XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística – Uberlândia/MG, Instituto de Letras e Linguística da UFU, 2006.
- “Orações correlatas” – V Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística, Belo Horizonte, UFMG, 2007.
- “Orações que manifestam a relação de comparação: o(s) uso(s) de FEITO, TIPO e IGUAL” – XII Simpósio Nacional de Letras e Linguística e II Simpósio Internacional de Letras e Linguística, Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, 2009.
- “Uso(s) de *tipo, igual e feito* como conector – Workshop Internacional sobre Gramaticalização – FALE/UFMG, 2010.
- “Uso(s) de conjunções e combinação hipotática de cláusulas – I Seminário sobre uso(s) de conectivos e articulação de cláusulas – Faculdade de Letras /UFRJ, 2010.
- “Desgarramento das comparativas introduzidas por QUE NEM” – I Simpósio Internacional de Linguística Funcional – Universidade Federal de Mato Grosso do SUL, 2011.
- “Abordagem discursiva da comparação” – II Fórum Internacional de Análise do Discurso: Discurso, Texto e Enunciação - Homenagem a Patrick Charaudeau, Faculdade de Letras – UFRJ, 2011.
- “Orações comparativas “desgarradas” – 2º. CIELLI – Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários e 5º. CELLI – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade Estadual do Paraná – UEM, Maringá/PR, 2012.
- “Uso(s) de conectores e combinação hipotática de cláusulas” – XIV Simpósio Nacional de Letras e Linguística e IV Simpósio Internacional de Letras e Linguística – SILEL, Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Uberlândia/MG, 2013.
- “Usos de TIPO no PB” - II Workshop sobre gramaticalização, Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói/RJ, 2014.

- “Relativas 'desgarradas' e não 'desgarradas': interface sintaxe e prosódia” – III Congresso Internacional da Linguística Histórica – III Gallaecia, Instituto de Língua Galega da Universidade de Santiago de Compostela – Espanha, 2015.
- “A articulação hipotática em cláusulas justapostas” – III Simpósio Internacional de Linguística Funcional – III SILF, Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói/RJ, 2015.
- “Hipotaxe circunstancial: estratégia argumentativa?” – V Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa – V SIMELP, Lecce – Itália, 2015.
- “Cláusulas hipotáticas 'desgarradas' em roteiros de cinema” – XXVI Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste – GELNE – Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFPE, 2016.
- “O 'desgarramento' das cláusulas completivas - X Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística - ABRALIN - Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense/UFF (Niterói), 2017.
- “Desgarramento, pontuação e ensino” – II Seminário do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações (CCO), Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense/UFF (Niterói), 2018.
- “Sintaxe, pontuação e ensino: desgarramento em redações de vestibulandos” na Associação Brasileira de Linguística – ABRALIN 50, Maceió/Alagoas, 2019.
- "Desgarramento de completivas: um caso de gramaticalização?" – VII Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa - VII SIMELP, 2019.

Optei pela enumeração de alguns dos títulos de algumas das apresentações feitas por mim em eventos, porque isso permite uma melhor compreensão da minha atuação como pesquisadora. Por meio da elucidação de tais apresentações, seja individualmente seja em coautoria, é possível identificar as principais áreas em que atuo em termos de investigação: ora trabalho com os usos dos conectores, ora trabalho com os processos de articulação de orações (parataxe, subordinação, hipotaxe, correlação, justaposição), ora trabalho com desgarramento, priorizando a língua em uso na perspectiva funcionalista, algumas vezes, em interface com outras teorias e sempre com vistas ao ensino de língua materna, direta ou indiretamente. Portanto, desde os primeiros projetos individuais de pesquisa até os mais recentes, tenho contemplado estas três frentes de trabalho. Então, agora, faço um resumo não dos projetos desenvolvidos até hoje, mas do que pretendo com meu grupo de pesquisa, desde que comecei.

12 – USOS DE CONECTORES E ARTICULAÇÃO DE CLÁUSULAS

Os projetos desenvolvidos no grupo de pesquisa *Usos de conectores e articulação de cláusulas* (que existe desde 1999) analisam a conexão de orações sob a ótica de uma abordagem funcional-discursiva. Nessa perspectiva, se consideram, principalmente, as relações hipotáticas, tendo em vista o contexto discursivo em que as cláusulas se inserem, ou seja, faz-se uma análise supra sentencial, abandonando, por exemplo, a noção de que a presença de um conector seja o único parâmetro para descrição do comportamento dessas cláusulas. A presença do conector restringe-se, muitas vezes, à função de estabelecer um elo entre duas porções textuais ou, nos termos de Chafe (1980), entre unidades informacionais. Nesse sentido, a abordagem tradicional, em que apenas a coordenação e a subordinação são apresentadas como processos de estruturação sintática e, conseqüentemente, de articulação de orações que ocorrem em períodos compostos, não é mais suficiente para descrever nem o comportamento das conjunções nem tampouco das orações em que ocorrem. O quadro teórico a que se associam os trabalhos desenvolvidos é principalmente o funcionalista, particularmente quanto a fenômenos que podem ser estudados na perspectiva da língua em uso. Os *corpora* são variados:

- *corpus* do Projeto VARPORT, constituído de textos escritos e orais do português brasileiro e europeu, disponível em www.letas.ufrj.br/varport/corpora.html;
- *corpus* do Grupo *Discurso e Gramática – D&G*, que engloba depoimentos de 131 (cento e trinta e um) informantes de 5 (cinco) diferentes cidades — Juiz de Fora, Rio Grande, Natal, Niterói e Rio de Janeiro, disponível em <http://www.discursoegramatica.letas.ufrj.br>;
- *corpus* *Jornal Adufrj-SSind* - Associação dos Docentes da Universidade Federal do Rio de Janeiro – Seção Sindical, que contém textos escritos de abril de 1979, data de criação da ADUFRJ, a julho de 2001;
- *corpus* *Roteiro de Cinema*, disponível no *site* www.roteirodecinema.com.br;
- *corpus* do *site* de redações UOL; disponível no *site* educacao.uol.com.br;
- *corpus* retirado do *Facebook*;
- *corpus* do Português, disponível no *site* <https://www.corpusdoportugues.org/>.

A investigação sobre os usos dos conectores de cláusulas e sobre a cláusula em si visa a:

(a) verificar os traços linguísticos próprios de cada um dos usos nas modalidades falada e escrita, mostrando a diversidade e unidade da Língua Portuguesa e, no caso de sua variedade padrão e não padrão, esclarecendo melhor o jogo de inovações e conservações dos usos linguísticos;

(b) fazer um contraponto quanto à tipologia textual, para identificar fenômenos que ocorram mais produtivamente em determinado tipo de texto e a interferência de aspectos da fala na escrita;

(c) descrever as normas de usos em cada contexto de modo a caracterizá-los.

Desde que comecei, já foram 33 orientações de Iniciação Científica; as orientações de Mestrado contabilizam 18 até agora, incluindo as que estão em curso; as orientações de Doutorado perfazem 13 até o momento, incluindo também as que estão em vigor...

Em bancas e pareceres (sobre os quais já falei brevemente antes) tento não confundir rigor técnico com falta de humanidade. Sou uma educadora e como tal preciso ter empatia pelo outro. Avaliar não é tarefa simples, mas há que se cuidar do outro, “há que se cuidar da vida”, como diz meu querido Bituca.

As bancas são momentos de muito aprendizado e de encontro com quem nem sempre tenho a oportunidade de estar. Ah, e muitas (distribuídas em bancas de Doutorado, 27; de qualificação de Doutorado, 23; de Mestrado, 42; de qualificação de Mestrado, 10; de concurso público, 7; de seleção para Professor Substituto, 2, de Progressão Funcional, 6, de Estágio Probatório, 1; de conclusão de cursos de Graduação, 8; de seleção para os cursos de Pós-graduação, 10; de seleção de monitores, 6; de seleção para ingresso nos cursos de Graduação, 25; de elaboração de provas, 9; de consultoria e supervisão, 12, totalizando 188). Destaco dessas as de seleção para os cursos de Graduação (25), as famosas bancas de vestibulares – UFRJ, UFF, CEDERJ, UFES. Momentos de muito trabalho, mas também de companheirismo, alegria e de muitas boas lembranças. As de seleção para os cursos de Mestrado e Doutorado na Faculdade de Letras da UFRJ (10), as de supervisão e correção do ENEM (12). Cada uma com suas especificidades, mas que me permitiram um crescimento tanto profissional quanto afetivo muito grande, o aprendizado de lidar com as diferenças (diversas histórias de vida, de formação acadêmica, de instituições). Por isso, resalto a seguir para representar essa atuação dentre essas as bancas de elaboração de provas do vestibular (9) e as de concursos para docente do ensino superior de que participei na UFRJ e em outras instituições de ensino superior (7).

Na Universidade Federal Fluminense (UFF) em 2011 e na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) em 2015. Nesse mesmo ano ainda na Universidade Federal da Bahia (UFBa) e na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ-FFP). Na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e na Universidade Federal da Bahia (UFBa) em 2014 e na UFRJ novamente em 2018. Nessas bancas, tive oportunidade de conhecer a realidade de outras instituições federais e de dialogar com Professores de formações acadêmicas variadas, tais como os Doutores Maria Célia Lima-Hernandes (USP), Américo Venâncio Lopes Machado Filho (UFBa), Emílio Gozze Pagotto (UNICAMP), Valéria Neto de Oliveira Monaretto (UFRGS), Izete Lehmkul Coelho (UFSC), Marco Antonio Rocha Martins (UFRN/UFSC), Jussara Abraçado (UFF),

Mariangela Rios de Oliveira (UFF) e também com alguns ex-Professores, tais como Edila Vianna (UFRJ/UFF), Aparecida Lino (UFRJ), José Carlos Azeredo (UFRJ/UERJ), o que foi motivo de muita honra para mim.

Da experiência com vestibulares quero destacar ainda minha atuação na UFES, que resultou na publicação *Sobre os critérios de avaliação de redação no vestibular (Olhares e perguntas sobre ler e escrever, 2002, 2007)*, artigo que faz muito sucesso nas minhas aulas de *Ensino da Língua Portuguesa*, principalmente, para os alunos que nunca corrigiram uma redação e que precisam de critérios e de uma sugestão de grade de avaliação/correção de redação.

14. ATIVIDADES DOCENTES

Embora desde o início desse meu texto esteja abordando episódios vinculados à minha carreira docente, ela de fato só começou em 1995. E embora também já tenha relatado muitas atividades docentes posteriores a essa data em momentos anteriores nesse memorial, chamarei atenção agora para outras atividades que não se encaixaram no que vinha fazendo antes em termos de progressão temporal, cronológica.

Gostaria de pontuar, mais uma vez, que as oportunidades foram surgindo em minha carreira e eu fui aproveitando cada uma delas. Não posso dizer que fui planejando tudo o que ocorreu na minha vida desde a saída de Mar de Espanha. A única coisa que posso garantir é que fui paciente, persistente e muito dedicada.

Até integrar o quadro de professores do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, atuei em muitas e diferentes frentes de trabalho na Letras: CLAC, Vestibular, Formação de Professores.

Os Cursos de Línguas Abertos à Comunidade (CLAC) são parte integrante da extensão da Faculdade de Letras da UFRJ desde 1988 e, por meio da oferta de cursos para a comunidade, são um espaço no qual alunos do curso de Letras podem praticar o ensino de língua de forma reflexiva, consciente e qualitativa, sob orientação dos docentes desta instituição. O Projeto visa não só a formação do aluno da Faculdade de Letras, mas também sua futura inserção no mercado de trabalho.

Em 2003, fui convidada pela saudosa Professora Doutora Maria Emília Barcelos (outra perda) a reestruturar as ementas relativas às disciplinas de Redação e Língua Portuguesa, selecionando novos monitores, treinando-os e os orientando segundo a nova proposta. Durante todo o ano de 2004 trabalhei em conjunto com as Professoras Maria Aparecida Pinilla e Filomena Varejão. Nesse mesmo ano, apresentei com as referidas professoras e os orientandos desse projeto (Bruno Cavalcanti, Suelen Sales, Ana Carolina Morito, Michele Bastos Ferreira e Érica Almeida) o trabalho “Cursos de Redação do CLAC – uma proposta pedagógica” no 10º Simpósio Nacional de Letras e Linguística no Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Dois anos depois, o artigo foi publicado (**Linguística: caminhos e descaminhos em perspectiva**, 2006). Essa atividade se estendeu até 2007 e gostei muito de ter participado dela.

O trabalho desenvolvido com redação no CLAC determinou que convites ocorressem e assim começaram as supervisões, elaborações e correções de provas de vestibulares – UFF (2005, 2006, 2007, 2010), CEDERJ (2004, 2005, 2006, 2007, 2010), UFRJ (2010, 2011), ENCEJA (2006), SAEB (2009), SEPLAG (2010), ENADE (2010) e ENEM (2006, 2007-2011). Embora goste muito dessas atividades, acabei me afastando delas por conta da necessidade de priorizar outras demandas do fazer acadêmico. Não há tempo, infelizmente, para se fazer tudo o que se gosta. Há que se fazer escolhas...

Em 2004, tive a oportunidade de integrar uma equipe de professores que fizeram a análise de verbetes do *Dicionário Escolar Cegalla*, com 1232 (mil duzentas e trinta e duas) páginas, corrigindo eventuais desvios gramaticais na estrutura dos verbetes, de acordo com os referenciais do MEC para dicionários escolares, procedendo a correção dos verbetes e acrescentando siglas, abreviaturas, separação de sílabas, erros de concordância e classes gramaticais, apontando eventuais acepções erradas, sugerindo retirada de verbetes desnecessários ao dicionário escolar, indicando, sempre que possível, créditos de abonações. Foi uma experiência incrível.

A minha preocupação com o ensino e com a formação dos professores de língua materna vem de longa data, conforme meu texto vem demonstrando. Motivada por isso, em 2003, juntamente com outros colegas do Setor de Língua Portuguesa, me engajei na proposta de curso de extensão *Dos estudos linguísticos ao ensino de Português: reflexões e propostas*, sob coordenação da Professora Doutora Silvia Rodrigues Vieira.

Em 2006, foi a vez de me engajar na proposta de curso da Professora Doutora Leonor Werneck dos Santos, intitulada *Texto e ensino de língua portuguesa*. Em 2009, fiz, pela primeira vez, a minha proposta de curso intitulada *Usos(s) de conjunções e combinação hipotática de cláusulas*. Em 2010, em parceria com a Professora Doutora Mônica Maria Rio Nobre, ministramos o curso *Iniciação à pesquisa*.

Em 2011, sozinha, ministrei o curso *Articulação de orações nas abordagens tradicional e funcionalista*. Os cursos de extensão da Faculdade de Letras são voltados para um público bastante heterogêneo e nos dão a oportunidade de divulgar nossas pesquisas para além dos muros da Universidade, o que é muito importante.

Duas atuações como avaliadora de livros foram muito marcantes na minha carreira:

- a primeira, na qualidade de parecerista do Processo de Avaliação e Seleção dos Livros de Literatura Infantil – Programa Nacional de Biblioteca da Escola - PNBE – 2005, de maio a setembro de 2005;
- a segunda, na qualidade de parecerista do Projeto de Avaliação do Livro para o Ensino Médio (Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, 1ª. a 3ª. Séries) do PNLEM-2009.

A primeira vinculada à minha estreita relação com a Literatura Infanto-Juvenil e a segunda com o ensino de língua materna. A experiência com o PNLEM-2009 interferiu diretamente na minha prática pedagógica e, principalmente, nas minhas aulas de *Português VIII – Ensino de Língua Portuguesa*. Avaliar livros didáticos que estavam no mercado com critérios adequados e embasados teoricamente me fez repensar minha prática pedagógica. Exemplifica isso, por exemplo, a adaptação que uma tese recém-defendida (fevereiro de 2020) por um orientando meu, Luiz Herculano de Souza Guilherme, fez da ficha do PNLEM-2009 para avaliação dos livros de Português como Língua Estrangeira (PLE).

A preocupação com o ensino e com a formação docente me abriu muitas portas. Assim, em 2009, integrei a equipe de docentes que ministrou um curso para formação de professores no estado do Acre, a convite da ABAQUAR CONSULTORES E EDITORES ASSOCIADOS. O curso tinha como título *Letramento em leitura e escrita para o ensino médio*. Foi um momento ímpar em que aprendi a adequar a noção de letramento para a elaboração de exercícios, provas, questões etc. – coisa que nunca tinha feito antes na vida. A partir dessa experiência comecei a elaborar minhas provas de forma completamente diferente do que fazia... Inclusive, os alunos envolvidos com o e-book recém publicado **Ensino das orações adjetivas em sala de aula: reflexão e prática (2020)** utilizaram esse material para elaborar suas propostas de atividades didáticas.

Outra atividade voltada à formação docente, em 2011, foi a participação como Formadora de Tutores na equipe de formadores responsáveis pelo Seminário de Formação de Professores Tutores no Programa Gestar de Formação Continuada de Professores dos anos/séries finais do Ensino Fundamental – Gestar II, no Estado do Ceará. O GESTAR II desenvolveu-se sob responsabilidade do Laboratório de Pesquisa e Desenvolvimento em Ensino de Matemática e Ciências (LIMC) da UFRJ, programa

integrante da Rede Nacional de Formação Continuada da Secretaria de Educação Básica (SEB) do Ministério da Educação (MEC). Experiência profissional e de vida riquíssima. Momento de interação muito profícuo, inclusive com professores de outras áreas.

15. ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL

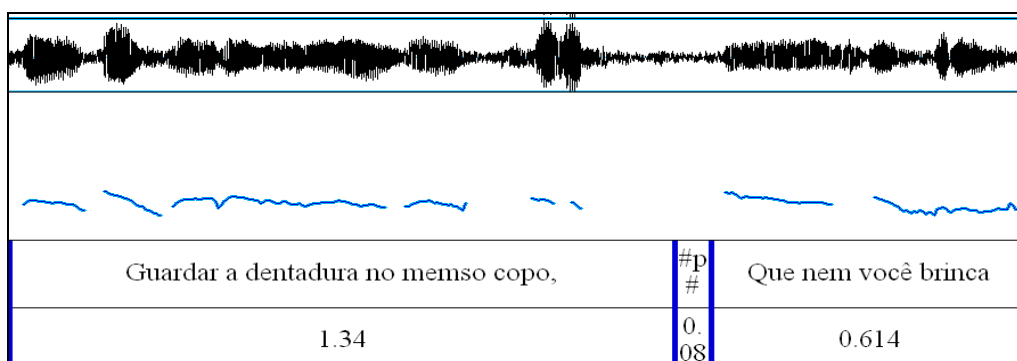
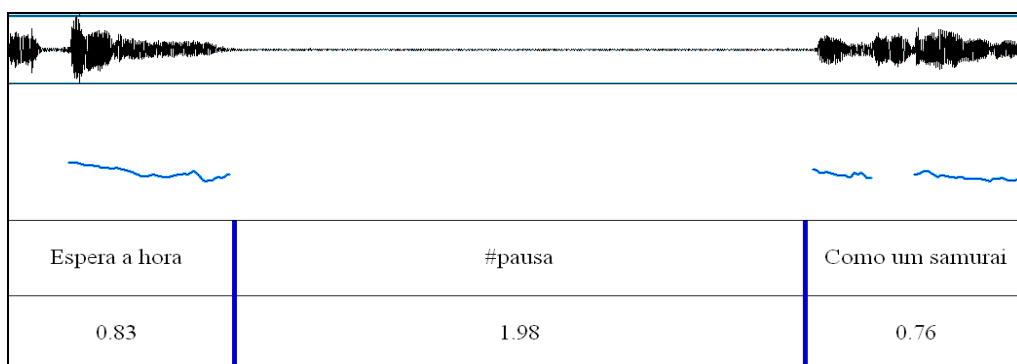
Sempre adorei estudar e a expectativa de poder fazer pós-doutoramento me encheu de ânimo e de alegria. No período de agosto de 2012 a abril de 2013 consegui uma licença para um estágio de pós-doutorado, sobre o qual já havia comentado brevemente antes. Durante os seis meses de minha Residência Pós-Doutoral, sob supervisão da Professora Doutora Maria Beatriz Nascimento Decat, no âmbito do Projeto de pesquisa *Gramática e interação*, desenvolvido pela docente no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PosLin) da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), desenvolvi o Projeto *A expressão da comparação de igualdade em Português*.

O foco deste Projeto era descrever o(s) uso(s) de conectores comparativos na língua escrita do Português Brasileiro. Assim, adotando o Funcionalismo e a Linguística Textual como aportes teóricos, analisaram-se os conectores que introduzem as orações comparativas em Língua Portuguesa, contrastando os usos previstos pela Gramática Tradicional e os usos produzidos pelos falantes em situações reais de interação. Nesse sentido, o item empregado para ligar uma oração à outra é um indicador da relação de comparação, assumindo, assim, um importante papel. Neste Projeto, identificaram-se itens não conjuncionais ligando orações e estabelecendo a relação comparativa, tais como *feito*, *igual*, *tipo* e *que nem*. Como produto desse período, destaco o artigo *A expressão da comparação de igualdade em Português* que integra o livro **Gramaticalização, combinação de cláusulas, conectores**, que também foi organizado durante esse estágio, ou seja, em 2013.

O *corpus* com o qual estava trabalhando para o desenvolvimento do Projeto *A expressão da comparação de igualdade em Português* era o dos roteiros de cinema e nele me chamou atenção o uso desgarrado de algumas dessas comparativas introduzidas por *como* e *que nem*. Surge, então, o interesse de pesquisar o tema das comparativas desgarradas. Embora o fenômeno do desgarramento tenha sido primeiramente abordado no Brasil por Beatriz Decat, que fora minha supervisora de pós-doc, e eu já conhecesse seus trabalhos sobre o assunto, esse não foi o meu objetivo naquele período.

Assim, começo a desenvolver meus primeiros trabalhos sobre o desgarramento e, nesse caso, já tinha um aspecto diferente em relação ao da precursora do fenômeno no Brasil – o meu *corpus* e o tratamento dado a ele. Como a linguista adotou a noção de unidade informacional para caracterizar as desgarradas, valendo-se do conceito de

Chafe (1980), minha investigação foi no sentido de verificar se realmente as desgarradas constituíam uma unidade informacional na fala, já que o *corpus* de Decat (1999, 2011) era de língua escrita. Como não havia tempo hábil de constituir um *corpus* de língua oral espontânea, os roteiros me permitiram dar um tratamento prosódico aos dados, porque além do texto escrito pelo roteirista tinha à minha disposição os filmes gravados e encenados no *site* www.roteirodecinema.com.br. Assim, coletava as desgarradas primeiramente na versão escrita dos roteiros e depois conferia se o ator na filmagem também fazia uma pausa ou dava uma entoação diferente à estrutura desgarrada para marcá-la. Para tanto, recortava a cláusula produzida e a submetia ao tratamento prosódico. Os dados fiéis aos roteiros foram retirados do *youtube*, recortados no programa SOUND FORGE 7.0, salvos no formato mp3 e analisados no programa PRAAT, por meio do qual foram aferidos os valores da frequência fundamental (F0) e da duração das cláusulas, conforme ilustram as figuras a seguir.



A essa altura já estamos em 2014 e já fazia parte do meu grupo de pesquisa a orientanda Aline Ponciano, que tinha muita experiência com o PRAAT e que muito me ajudou nessa empreitada. Inclusive, a partir daí fizemos alguns trabalhos juntas sempre na interface sintaxe/prosódia. Foi um período muito profícuo e que determinou a

investigação da tese desta orientanda, atualmente minha colega de Setor, o que muito me orgulha. Assim como ela, há vários ex-alunos meus de *Sintaxe* que agora são meus colegas de Setor e Departamento como Carolina Serra, Danielle Gomes, Thiago Laurentino; sem falar nos de outros Departamentos como Ricardo Souza, Karen Alonso, Fernanda Messeder, Diogo Pinheiro, Diego Leite, Marije Soto, Ricardo Nogueira, Marcelo Melo. É uma sensação muito boa saber que, de alguma forma, participei da formação acadêmica desses professores/colegas ...

Embora já estivesse trabalhando com o tema do desgarramento desde 2011, mas de maneira ainda muito tímida, após esse estágio pós-doutoral, a investigação desse fenômeno tornou-se uma constante em minha vida acadêmica, seja em apresentações em congressos, aulas na pós-graduação, orientações de dissertações e teses. A seguir enumero alguns desses trabalhos e as orientações sobre o tema.

Trabalhos

1. “Desgarramento” das comparativas introduzidas por *que nem*. **Guavira Letras**: Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras / Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Programa de Graduação e Pós-Graduação em Letras. – v. 12, n. 1, 2011.
2. 'Desgarramento' de cláusulas comparativas e a interface sintaxe-prosódia. **Anais da XXV Jornada Nacional do GELNE**. Campus Lagoa Nova - Natal - RN: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - EDUFRN, 2014.
3. *Desgarramento*: um novo olhar. **Anais do I Seminário do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações**. Disponível em: <https://uffco.files.wordpress.com/2017/12/anais-do-i-seminc3a1rio-do-cco-pubcac3a7c3a3o-com-isbn.pdf>
4. O *desgarramento* de orações adverbiais nos roteiros de cinema. **Descrição e ensino de Língua Portuguesa: temas contemporâneos**. 1ed. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2018.
5. O *desgarramento* de orações completivas no Facebook. **Anais do II Seminário do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações**. 1. Ed. – Niterói: Letras da UFF, 2019.
6. A Estrutura Argumental Preferida de Cláusulas Hipotáticas Circunstanciais Temporais 'desgarradas' em 'memes quando'. **Gragoatá** (UFF), 2018.
7. Adjetivas explicativas e o "desgarramento" em sala de aula. **Pesquisas em sintaxe e sua aplicação em sala de aula**. 1ed. Rio de Janeiro: Editorarte, 2018.

Orientações

1. Aline Ponciano dos Santos Silvestre. **"Se eu pudesse e se o meu dinheiro desse...": prosódia e "desgarramento" no PB e no PE.** Tese de Doutorado em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2017.
2. Karen Pereira Fernandes de Souza. **Orações relativas apositivas "desgarradas" em jornais do século XIX e XX.** Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2014.
3. Karine Oliveira Bastos. **Desgarramento de adverbiais reduzidas de gerúndio.** Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2013.
4. Paula Rhaquel Silva Souza da Fonseca. **Desgarramento de cláusulas hipotáticas circunstanciais no Facebook.** Monografia de Final de Curso de Graduação em Letras - Português - Inglês, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2019.
5. Andressa Matheus Fontes. **"Desgarramento" de orações adverbiais em roteiros de cinema.** Iniciação Científica. Graduação em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2016.
6. Gabriel Santos da Silveira. **O "desgarramento" de cláusulas hipotáticas no Facebook.** Início: 2017. Iniciação científica. Graduação em Letras Português – Alemão, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2019.
7. David Novaes Cidade. **Desgarramento de cláusulas hipotáticas em redações de vestibulandos.** Iniciação científica. Graduação em Letras Português – Alemão, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2019.
8. Rachel de Carvalho Pinto Escobar. **Desgarramento de cláusulas introduzidas pelo conector PARA.** Doutorado em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2019. Em andamento.
9. Gustavo Benevenuti Machado. **"Desgarramento" de cláusulas introduzidas por ONDE em Português.** Doutorado em Letras Vernáculas – Língua Portuguesa: Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2019. Em andamento.
10. Gabriela do Couto Baroni. **Desgarramento de cláusulas completivas.** Doutorado em Letras, Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), 2019. Em andamento.

Em 2019, surge a oportunidade de fazer outro estágio pós-doutoral e, por conta desse breve histórico anteriormente relatado, o escolho fazer novamente sob a supervisão da Professora Beatriz Decat e agora sobre o tema do desgarramento. E não podia ser diferente por conta de todo o relato anterior...

O Projeto intitulou-se *Desgarramento, pontuação e ensino*. Partindo da premissa de que todas as relações sintáticas em uma gramática têm relevância semântica e estão fundamentadas nos contextos linguísticos e extralinguísticos em que são usadas, conforme atesta Bybee (2010, p. 125), pretendia, com este estudo, refinar a descrição das cláusulas *desgarradas* em uso no Português.

Como a pontuação é um dos principais índices do fenômeno na língua escrita (cf. DECAT, 1999; 2011) e parto do pressuposto de que o escrito não é só produto, mas também é produção, não adotei a perspectiva normativa de que estaria diante de “erros” de pontuação no caso dos usos das cláusulas *desgarradas*, já que levo em conta que a língua é sempre afetada pelo uso e pelo impacto que essa experiência tem sobre o sistema cognitivo (cf. BYBEE, 2010).

Com base em Decat (1999, 2011), ratifico que há cláusulas circunstanciais *desgarradas*, relativas apositivas *desgarradas* e completivas *desgarradas*, podendo estas ainda ser inerentemente pragmáticas, contextuais e cotextuais, conforme postulam Rodrigues e Silvestre (2016/2017), Rodrigues (2019) em descrição complementar à de Decat (1999; 2011).

A hipótese que se almejava comprovar por meio de *corpora* compostos por *sites* de rede social era a de que há uma tendência de as completivas serem inerentemente pragmáticas e de as relativas apositivas serem cotextuais. Já as circunstanciais podem tanto se materializar na forma inerentemente pragmática, contextual ou cotextual.

A perspectiva teórica em que se apoia o Projeto *Desgarramento, pontuação e ensino* é a funcionalista. Além de Bybee (2010), adotou-se Chafe (1980), Dik (1997), Decat (1999, 2011), Silvestre e Rodrigues (2014); Rodrigues e Silvestre (2016/2017), Rodrigues e Fontes (2018) sobre *desgarramento*; utilizaram-se estudos de Souza (2009, 2010) sobre cláusulas relativas; Dahlet (2006), Tenani (2008), Soncin e Tenani (2015) sobre pontuação e as gramáticas normativas de Góis (1943) e Cunha e Cintra (1985). Além disso, recorreu-se também ao trabalho de Araújo e Leffa (2016), que abordam a linguagem das redes sociais, tendo em vista que o *corpus* analisado foi o do *Facebook*.

Assim como acontecera no meu primeiro pós-doc, nesse segundo também consegui organizar um livro que, diferente do de 2012, conta com os resultados das investigações realizadas por meus orientandos sobre o fenômeno e se intitula **Desgarramento de cláusulas em português: usos e descrição**. Nele tenho dois capítulos, *Cláusulas desgarradas e seu(s) uso(s)* e, em parceria com a orientanda Paula

Rhaquel Silva Souza da Fonseca, *Desgarramento de cláusulas hipotáticas circunstanciais no Facebook*.

Entre o primeiro e o segundo estágio pós-doutoral realizados por mim, tive a oportunidade de supervisionar três estágios de colegas:

1. da Professora Doutora Aucione Smarsaro (UFES), no período de agosto de 2014 a agosto de 2015, cujo tema foi a descrição do verbo LEVAR a fim de verificar se esse era um verbo suporte ou palavra gramatical;

2. do Professor Doutor Marcelo da Silva Amorim (UFRN), no período de agosto de 2015 a agosto de 2017, cujo tema foi a abordagem funcional de dispositivos sintáticos na poesia repentista.

Vale mencionar que antes, no período de março a junho de 2015, esse mesmo professor desenvolveu, sob minha supervisão, a atividade de **Capacitação Docente** investigando o papel de dispositivos sintáticos no andamento narrativo dos romances de folheto de Leandro Gomes de Barros.

3. Da Professora Doutora Amanda Heiderich Marchon (UNINCOR), no período de agosto de 2017 a julho de 2018, cujo tema foi o viés argumentativo das cláusulas hipotáticas finais e modais.

As supervisões de pós-doutorado antes elucidadas constituíram-se em momentos de trocas de experiências, aprendizado e cooperação mútua, que redundaram em parcerias para participação em congressos, bancas e elaboração de artigos. Cito dois deles:

I. SMARSARO, Aucione; RODRIGUES, Violeta Virginia. Verbos-suporte dar/levar: um caso de gramaticalização? **Letrônica**, PUCRS/Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 359-375, 2015. ISSN: 1984-4301.

II. MARCHON, Amanda Heiderich, RODRIGUES, Violeta V. Opiniões em confronto: a hipotaxe circunstancial como estratégia argumentativa. **Caderno de Letras UFF**. Niterói, v.27, n.55, p.61-68, 2º número, 2017.

Durante o período do meu último estágio de pós-doc senti muita saudade da sala de aula e dos orientandos, mas foi muito bom ter esse tempo maior para estudar, pesquisar, reorganizar as ideias, repensar práticas e atitudes. Estou cheia de projetos novos que quero desenvolver logo que isso for possível...

16. BREVE ENCERRAMENTO

Voltando às memórias da infância, nunca imaginei sair de Mar de Espanha e ser professora da UFRJ, mas é verdade que sempre quis ser professora, disso sempre soube. Portanto, sou uma pessoa realizada, feliz e grata à vida pelas oportunidades que ela me deu e que eu soube aproveitar. Como disse, gratidão permeia toda a minha trajetória.

Os fatos aqui relatados, revisitados, as memórias trazidas à tona, a explicitação de tantos nomes mostra que ninguém consegue nada sozinho, sem solicitude de outrem. A vida ensina o tempo todo e eu ainda quero aprender muito mais e despertar esse desejo nos meus alunos. Acho que ao longo desses 25 anos de carreira (a serem completados no dia 17 de agosto) consegui despertar o interesse em muitos deles por uma Educação melhor, comprometida com o outro e com empatia também pelo outro. As lições estão aí para quem quiser ensinar/aprender... Minha história de vida e acadêmica é um exemplo de que com dedicação, paciência e persistência é possível vencer muitos obstáculos... Gratidão a todos que fizeram parte dela e que nunca sairão de minhas memórias. Recorro novamente à canção-epígrafe desse memorial:

Todo mundo ama um dia
Todo mundo chora
Um dia a gente chega
E no outro vai embora

Cada um de nós compõe a sua história
Cada ser em si
Carrega o dom de ser capaz
E ser feliz

Não poderia terminar esse memorial sem agradecer à cidade maravilhosa, Rio de Janeiro, que me acolheu, por todas as oportunidades que me ofereceu durante todos esses anos, oportunidades de lazer, de cultura, de convívio com as diferenças, de alto astral, de alegria, de solidariedade. O Rio continua e vai continuar lindo... Amo essa cidade e não a troco por nenhuma outra em qualquer lugar do mundo. Aqui me tornei SUJEITO de minha história, cresci como pessoa e como profissional. Com certeza, se ainda estivesse em Mar de Espanha, cidade onde nasci e lugar de ótimas e também dolorosas lembranças, e de que gosto muito, não teria a chance de conquistar o que conquistei aqui. Porque o Rio acolhe todo mundo... Vejam que fiz uma desgarrada e não foi à toa. Não conheço lugar mais democrático que o Rio, e se você luta por seus

objetivos, você os conquista; pode demorar, mas consegue. Além de tudo isso, “Ah! Mar...” (com licença de Bartolomeu Campos Queirós) e não é só no nome...

Eu vi, um dia, o mar no lugar onde ele está. Pisei manso sobre as águas para não quebrar as marés. Provei seu gosto de sal – definitivo batismo, reparei nas areias lavadas e olhei até não mais ver.

(QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. **Ah! Mar...** São Paulo, Quinteto Editorial, 1985, p. 28)

Rio de Janeiro, 24 de março de 2020.

Dileta Rodrigues

17. REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Júlio & LEFFA, Wilson (org.). **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge: CUP, 2010.
- BARRETO, Therezinha Maria Mello. Gramaticalização das conjunções na história do português. Salvador, UFBA, 1999. Tese de Doutorado. 2 Vol.
- BASTOS, Karine Oliveira. **Trabalhando fora, estudando e cuidando da família: o desgarramento de cláusulas hipotáticas circunstanciais e seu status no ensino**. Dissertação. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2014.
- BONFIM, Eneida. **Advérbios**. São Paulo, Ática, 1988.
- CALLOU, Dinah M. I.; MORAES, J; LEITE, Y.; KATO, Mary; OLIVEIRA, Célia T.; COSTA, Elenice; ORSINI, M.; RODRIGUES, Violeta. Topicalização e deslocamento à esquerda: sintaxe e prosódia. In: Dinah Maria Isensee Callou; Violeta Virgínia Rodrigues. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). **Gramática do Português Falado**. Campinas: UNICAMP, São Paulo: FAPESP, 1993, v. III, p. 321-340.
- CALLOU, Dinah M. I.; ROCHA, Dercir Oliveira; OLIVEIRA, Célia T.; COSTA, Elenice; ORSINI, Mônica; RODRIGUES, Violeta. Preenchimento em fronteiras de constituintes: as orações subordinadas. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de; BASÍLIO, Margarida (orgs.). **Gramática do Português Falado**. 1ed. São Paulo: FAPESP, 1996, v. IV, p. 169-192.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis, Vozes, 1970.
- CHAFE, Wallace L. The deployment of consciousness in the production of a narrative. In: CHAFE, W. L. (Ed.) **The Pear Stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production**. Norwood: Ablex, 1980.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Luiz F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DAHLET, Véronique. **As (Man)obras da pontuação: usos e significações**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Por uma abordagem da (in)dependência de cláusulas à luz da noção de “unidade informacional” (1999). In: **Scripta (Linguística e Filologia)**, v.2 n.4, Belo Horizonte: PUC Minas, 1999. p. 23- 38.
- _____. Estruturas Desgarradas em Língua Portuguesa. Campinas: Pontes Editora, 2011.
- DIK, S. **The Theory of Functional Grammar**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- GÓIS, Carlos. **Método de análise (lexia e lógica) ou sintaxe das relações**. 12ª. ed., Gráfica Sauer: Rio de Janeiro, 1943.
- MACHADO, Gustavo Benevenuti. **Multifuncionalidade e Desgarramento de Onde: uma abordagem funcionalista**. Dissertação. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2017.

RODRIGUES, Violeta Virginia. **A função dos vocábulos em -mente na fala culta carioca**. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras da UFRJ, 1994. Dissertação de Mestrado.

_____. O uso das conjunções subordinativas na língua escrita padrão. In: BERNARDO, Sandra Pereira & CARDOSO, Vanda de (org.) **Estudos da linguagem: Renovação e síntese. Anais do VIII Congresso da ASSEL-RIO**. Rio de Janeiro: Associação de Estudos da Linguagem do Rio de Janeiro, 1999. p. 761-769.

_____. **Construções comparativas: estruturas oracionais?** Tese. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2001.

_____. Sobre os critérios de avaliação de redação no vestibular. In: Santinho Ferreira da Silva; Adriana Galvão Fogaça. (Org.). **Olhares e perguntas sobre ler e escrever**. 1ed. Vitória - ES: Flor&cultura, 2002, v. 1, p. 95-111.

_____. “O período composto: subordinação & correlação”. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues e BRANDÃO, Silvia Figueiredo (orgs.). **Morfossintaxe e ensino de português: reflexões e propostas**. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras / UFRJ, 2004. p. 41-64. ISBN 85-87043-43-91.

_____. Correlação. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues e BRANDÃO, Silvia Figueiredo (org.) **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 225-235.

_____. (org.). **Articulação de orações: pesquisa e ensino**. Rio de Janeiro, UFRJ, 2010.

_____. “Desgarramento” das comparativas introduzidas por *que nem*. In: OLIVEIRA, Taísa Peres de & SOUZA, Edson Rosa Francisco de. **Guavira Letras: Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras / Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Programa de Graduação e Pós-Graduação em Letras**. – v. 12, n. 1 (2011). Três Lagoas, MS, 2011. p. 104-112.

_____. (org.). **Gramaticalização, combinação de cláusulas, conectores**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

RODRIGUES, V. V.; SOUZA, E. S. A. C. As orações com que tenho mais dificuldade são as relativas? Ou as orações que tenho mais dificuldade (com elas) são as relativas? In: Edvaldo Balduino Bispo; Mariangela Rios de Oliveira. (Org.). **Orações relativas no português brasileiro: diferentes perspectivas**. 1ed. Niterói: Editora da UFF, 2014, v. p. 95-129.

RODRIGUES, V. V. (org.). **Articulação de orações: pesquisa e ensino**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017. 210p. ISBN: 978-85-93916-00-7 *Link para o download do ebook no site da Pós de Letras Vernáculas: <http://posvernaculas.lettras.ufrj.br/index.php/publicacoes>*

_____. e FONTES, A. M. O desgarramento de orações adverbiais nos roteiros de cinema. In: COELHO, Fábio André Cardoso; SILVA, Jefferson Evaristo do Nascimento; CONFORTE, André Nemi (Org.). **Descrição e ensino de Língua Portuguesa: temas contemporâneos**. 1ed. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2018, v. 6, p. 615-629.

SILVESTRE, A. P. S.; RODRIGUES, V. V. O 'Desgarramento' de cláusulas comparativas e a interface sintaxe-prosódia. In: XXV Jornada Nacional do GELNE, 2014, Natal - RN. **Anais da XXV Jornada Nacional do GELNE**. Campus Lagoa Nova - Natal - RN: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - EDUFRN, 2014. v. 1. p. 1-11.

RODRIGUES, V. V.; SILVESTRE, A. P. S. *Desgarramento: um novo olhar*. In: ARENA, Ana Beatriz et alii (org.). **Anais do I Seminário do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Departamento de Línguas Clássicas e Vernáculas, 2016 / 2017. p. p. 217-237.

RODRIGUES, V. V. O desgarramento de orações completivas no Facebook. In: **Anais do II Seminário do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações** / organização Ana Beatriz Arena, Ivo da Costa do Rosário, Milena Torres de Aguiar e Monclar Guimarães Lopes. – 1. Ed. – Niterói: Letras da UFF, 2019 – v. 1, n.2. 352 p. ISBN 978-85-65355-27-8

RODRIGUES, V. V. Cláusulas desgarradas e seu(s) uso(s). In: RODRIGUES, Violeta Virginia. **Desgarramento de cláusulas em português: usos e descrição** (org.). São Paulo: Blucher, 2019. P. 113-142. Disponível gratuitamente em www.blucher.com.br

RODRIGUES, V. V., FONSECA, Paula Rhaquel Silva Souza da. Desgarramento de cláusulas hipotáticas circunstanciais no Facebook. In: RODRIGUES, Violeta Virginia. **Desgarramento de cláusulas em português: usos e descrição** (org.). São Paulo: Blucher, 2019. P. 143-170. Disponível gratuitamente em www.blucher.com.br

SILVESTRE, A. P. S. **Se eu pudesse e se o meu dinheiro desse...: desgarramento e Prosódia no português brasileiro e no português europeu**. Tese. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 2017.

SILVESTRE, Rachel de C. P. Escobar. **A polifuncionalidade do conector para**. Dissertação. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

SILVESTRE, Rachel de Carvalho Pinto Escobar e RODRIGUES, Violeta Virginia. Cláusulas com *para* e sua multifuncionalidade. **Entrepalavras**: Fortaleza, 2017. [Ahead of print]

SOUZA, Elenice Santos de Assis Costa. **A interpretação das cláusulas relativas no português do Brasil: um estudo funcional**. Tese. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2009.

SOUZA, Karen Pereira Fernandes de. **"Exposição de moveis | A qual se fechará brevemente": Estudo de cláusulas relativas apositivas "desgarradas" em textos jornalísticos**. Dissertação. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2016.

SONCIN, Geovana e TENANI, Luciani. Emprego de vírgula e prosódia do Português Brasileiro: aspectos teórico-analíticos e implicações didáticas. **Filol. Linguíst. Port.**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 473-493, jul./dez. 2015. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v17i2p473-493>.

TENANI, Luciani. Notas sobre a relação entre constituintes prosódicos e a ortografia. **Revista Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 231-245, jan./jun. 2008. p. 233-245.